O Rio I

OBSERVAÇÕES de VIAGEM

POR

LUCIANO PEREIRA

ex-deputado federal pelo Amazonas, lente cathedratico em disponibilidade de Direito Criminal da Universidade de Manáos e advogado nos auditorios dessa cidade.

MANÁOS
IMPRENSA PUBLICA
1917

DO MESMO AUTOR

A necessidade de um equilibrio americano, ante a politica de expansão dos Estados Unidos. Recife, 1905.

Estudos de Sociologia Criminal. Recife, 1906.

Meios de melhorar a situação das populações do interior do Amazonas. Manáos, 1910.

Defeza economica da borracha (discursos parlamentares). Rio, 1912.

Projecto do Codigo Civil Brasileiro (discursos parlamentares). Rio, 1913.

Conceito legal do crime. Divisão dos factos puniveis. Rio, 1913.

A Assembléa Geral Constituinte e Legislativa de 1823. Rio, 1914.

O passado e o futuro

A região do Rio Branco e o desenvolvimento do Amazonas.—Iniciativa do governo federal e causas do seu fracasso.—Novas perspectivas abertas pela grande guerra.—O momento não póde ser mais propicio para o desenvolvimento da agro-pecuaria no Amazonas.—O Rio Branco novamente em fóco.—A construcção naval no baixo Amazonas e o seu brilhante futuro.

E' commum, sempre que se cogita do futuro do Amazonas, dizer-se que elle repousará principalmente no desenvolvimento que vier a ter a região do Rio Branco. Entretanto, por uma dessas aberrações tão banaes na administração brasileira, o Amazonas, em todo o seu vastissimo territorio, talvez não apresente uma região menos aproveitada do que aquella.

O governo federal, na administração do marechal Hermes da Fonseca, quando a pasta da Agricultura estava entregue ao eminente estadista doutor Pedro de Toledo, por iniciativa deste, no vasto programma delineado para a defeza da borracha brasileira e *mise en valeur,* como dizem os economistas francezes, de todo o vale do Amazonas, teve para com o Rio Branco um carinho especial. Nada menos de tres commissões technicas, dispondo do mais aperfeiçoado material, foram para ali enviadas: duas com o objectivo da solução do problema dos transportes, uma trabalhando no alto e outra no baixo Rio Branco e a terceira com o objectivo de estudar a região dos campos, do modo mais completo possivel, afim de poder-se, com segurança, fazer a lavoura intensiva e dar o maximo desenvolvimento á industria pastoril, a unica que existe na região em escala reduzida, e ainda atrazadissima.

Infelizmente, como em geral succede entre nós com todos os trabalhos de grande envergadura, que, por isso mesmo, exigem despezas immediatas para effeitos lentos, tendo a politicagem anarchisado a bôa marcha dos serviços entregues

á Superintendencia da Defeza da Borracha, impondo a nomeação de toda a sorte de protegidos, mesmo para os logares de maior responsabilidade, e porque a Commissão de Finanças da Camara dos Deputados, acceitando a proposta do governo para o exercicio de 1914, tivesse querido reduzir a Superintendencia, pela mingua da dotação, a um verdadeiro trambolho burocratico, destinado apenas a manter empregados parasitas, a pedido do proprio Superintendente, foi ella extincta, precisamente na occasião em que estava apparelhada para começar a dar resultados.

O material aperfeiçoado e carissimo, que representava o valor de alguns milhares de contos, ficou atirado nos logares onde se encontrava na occasião, e está ainda hoje, grande parte delle completamente inutilizado, ou em via disso!

Aquellas commissões apresentaram os seus respectivos relatorios, aconselhando as medidas que julgavam mais acertadas, para alcance dos fins que se tinham em vista, relatorios esses que devem estar guardados no archivo do ministerio da Agricultura.

E a região do Rio Branco voltou á sua quietude primitiva.

A guerra européa, desorganisando todo o apparelhamento economico do mundo, veio prestar o inesperado serviço de mostrar-nos que tambem podemos e estamos nas condições de aspirar um logar ao sol, para usar da phrase com que os politicos allemães têm resumido as aspirações de seu paiz, dando-lhe, porém, um alcance mais modesto do que lhe emprestam estes, nos seus sonhos imperialistas de uma Allemanha dominando o mundo—*Deutschaland uber alles.*

Paiz que vive quasi exclusivamente de sua agricultura e dos seus rebanhos, o Brasil, a exemplo de outros neutros, faltaria aos seus destinos se não procurasse tirar todo o partido que a opportunidade lhe offerece, afim de desenvolver a sua capacidade productora, tanto para attender ás solicitações externas, como para a garantia das suas proprias necessidades internas.

Como era natural, a comprehensão do momento e a execução das medidas que o attendiam, fizeram-se em correntes centrifugas, pelo que só agora estamos a sentir a sua influencia.

O momento para nós não póde ser mais propicio, agora que já nos devemos ter desenganado de que não podemos contar sómente com a seringueira.

Assim entendeu, com esclarecida visão, o dr. Alcantara Bacellar, fazendo ponto capital da sua plataforma de governo, o desenvolvimento da agro-pecuaria no Amazonas, fundando por essa fórma a unica riqueza verdadeira e estavel, sobre a qual todas as demais incidem.

Mas falar em agro-pecuaria no Amazonas, sem a immediata evocação da região que resume todas as qualidades para tal necessarias, seria um verdadeiro contrasenso. Dahi o Rio Branco estar de novo em fóco, voltando-se para lá todas as attenções.

Offerecendo-se-me uma occasião de conhecel-a *de visu*, não quiz perdel-a e a convite do sr. commendador Joaquim Gonçalves de Araujo, o maior fazendeiro da região e com dous amaveis companheiros, os srs. Manoel Marques da Silva, conhecido marchante desta capital, e Agesiláo de Araujo, filho daquelle capitalista, para lá parti na noute de 11 de julho proximo findo, passageiro do batelão denominado *São João*, a reboque da lancha *Obidense*.

Circumstancia auspiciosa e que talvez, ao ser conhecida, se traduza em uma surpreza para muitos:—Quer a lancha, quer o batelão sahiram de estaleiros montados nas proximidades de Obidos, isto é, representam capitaes e trabalho applicados a uma industria local, por todos os aspectos digna da protecção official e particular.

Região atravessada por centenas de cursos d'aguas navegaveis em extensão superior a 60.000 milhas, e dispondo, nas margens dos mesmos, das mais preciosas madeiras proprias para a construcção naval, não se comprehende como a Amazonia necessita de ir buscar no estrangeiro o que póde obter em casa.

Está mais do que averiguada a resistencia de muitas das nossas madeiras á acção das aguas, resistencia algumas vezes superior á do proprio ferro.

Em tempos que não vão longe, 90 por cento das embarcações que sulcavam os mares eram construidas de madeira.

Os Estados Unidos da America do Norte, para fazer face ao *deficit* de embarcações resultante da campanha submarina, têm em construcção 3.000, todas de madeira, com economia de tempo e de dinheiro.

Nenhum paiz do mundo dispõe de uma reserva florestal igual á nossa, nem na quantidade, nem na qualidade das essencias.

Deixal-as sem aproveitamento é uma incuria que não póde continuar, maxime no actual momento, e ainda por muito tempo depois da terminação da guerra, em que as nações que forneciam a nossa frota não poderão cuidar senão das suas proprias necessidades.

Os estaleiros do baixo Amazonas, pois, devem preparar-se para obras de maior vulto, fundando definitivamente entre nós uma grande industria que tem muito do quê viver.

Basta que importemos os machinismos e isso mesmo até que os resultados obtidos nas construcções dos cascos, animem a tentar-se tambem entre nós a fundação de usinas e grandes forjas.

O BAIXO RIO BRANCO

A navegação no Rio Branco e os seus contrastes.—Grandeza e monotonia da paysagem.—Infinidade de ilhas e paranás.—As mattas.—Escassez de população.—Aspecto desolador das habitações.—Os estragos da cheia fóra de commum deste anno.—As roças.—Abundancia de peixes no verão.—A salga do pirarucú e o seu possivel desenvolvimento.— O exterminio das tartarugas.—Meios contraproducentes de repressão.

A navegação no Rio Branco só e faz com regularidade no tempo das cheias e assim mesmo em duas etapas—a primeiras de Manáo a *Caracarahy* e a segunda de *Caracarahy* á Villa da *Bôa Vista*, com baldeação naquelle logarejo.

No forte da vasante, mesmo a primeira etapa da viagem só póde ser feita por meio de pequenas lanchas movidas a kerosene ou gasolina e a segunda, só por meio de canôas ou pequenos batelões de insignificante calado.

Quem, como eu o fiz, viaja no tempo da cheia, contemplando a largura e o volume d'agua do Rio Branco, custa crêr que, poucos mezes depois, toda aquella enorme caudal tenha desapparecido, para ficar em seu logar apenas uma minguada corrente, serpeiando entre praias que se succedem umas ás outras!

Phenomeno commum a todos os rios da região amazonica, devido ao insignificante angulo de inclinação do plano em que correm, no Rio Branco elle se manifesta mais accentuadamente do que em qualquer outro, lembrando os cursos ephemeros de alguns rios do nordeste brasileiro.

São as aguas das chuvas que constituem o seu manancial quasi unico, bem assim dos seus formadores, com excepção unica do confluente *Rio Mahú*, cujo curso, por ser mais constante, *não corta*, isto é, não offerece solução de continuidade, permittindo o transito de pequenas embarcações durante todo o anno, o que não succede com o *Takutú*, de que é tributario e com o *Uraricuéra*, (que é o proprio Rio Branco), de uma certa altura em diante.

No mez de Julho, época em que o subi, o Rio Branco em largura póde ser collocado, sem fazer má figura, ao lado dos maiores rios do mundo, offerecendo a mesma paysagem de quasi todos os rios do Amazonas: vasto lençol movediço de aguas barrentas, correndo entre terras baixas, sujeitas a alagações annuaes, ricas de uma flóra luxuriante, onde o verde é a côr unica, e formando ilhas e ilhotas e outros tantos paranás, cujo conhecimento exacto é problema que exige longos e cuidados estudos.

Rarissimas vezes a embarcação navega avistando as duas margens do rio e desde a entrada deste no Rio Negro até *Caracaby*, os olhos do viajante se cansam de olhar sempre para as mesmas cousas, o que torna a viagem monotona e pouco interessante, depois de passada a primeira impressão de grandeza a que ninguem se póde furtar.

As mattas são densas, offerecendo bellissimos exemplares de *sumahumeiras*, que se destacam das outras arvores, dominando-as, pela altura, aprumo do tronco colossal e caracteristica distribuição dos ramos, que lhe dão a apparencia de um gigantesco guarda-sol aberto.

O assahyseiro é a palmeira que mais abunda, representando o papel que cabe á urticacia umbaúba no baixo Amazonas e Solimões. Na época dos fructos, poder-se-iam carregar embarcações sómente com elles, e ainda assim não se lhes daria vasão.

O baixo Rio Branco é muito pouco habitado, succedendo-se horas e horas de viagem sem se encontrar uma casa. E quando apparece alguma habitação, apresenta-se sempre sob o aspecto de miseraveis barracas de palha, quasi abertas ás intemperies, onde mal se concebe que possam viver criaturas humanas.

Mesmo essas barracas, quando eu as vi, devido á cheia fóra do commum deste anno, estavam quasi todas debaixo d'agua e abandonadas pelos seus inquilinos.

Essa pobre gente vive da caça e da pesca, de uma lavoura mais do que rudimentar e de um pequeno commercio de lenha.

Este anno, a cheia aniquilou por completo as pequenas roças existentes, sendo constristador o espectaculo que offerecem os mandiocáes com agua até ás folhas, quando nos lembramos do esforço que representam e que assim desapparece sem a minima compensação! Mais pena fazem ainda as ba-

naneiras (que, ao contrario do que succede na região do alto Rio Branco, são ali cultivadas em escala relativamente larga, e já apresentam nucleos bastante desenvolvidos), porque se as roças podem ser substituidas todos os annos, os bananáes que fôrem plantados de novo, para chegarem ao desenvolvimento dos primitivos, necessitam de um praso muito maior.

As roças, em via de regra, são localizadas nas ilhas, depois de derribadas a machado as arvores existentes no local escolhido, e encoivarados os tocos.

Mesmo nas épocas normaes, o seu valor economico deve ser muito diminuto, porque o Rio Branco importa muita farinha e todos os cereaes necessarios á alimentação.

Na vasante, o rio é extraordinariamente piscoso, existindo o pirarucú em grande abudancia, pelo que é possivel desenvolver a industria, ali já iniciada em pequena escala, da salga daquelle magnifico peixe, em nada inferior ao bacalháo, de que se faz entre nós tão grande consumo, sem necessidade.

Devido ao barbaro e estupido systema de apanhar tartarugas, adoptado em todo o Amazonas, no Rio Branco, como nos outros nossos rios, esse precioso chelonio de anno para anno vae apparecendo em menor quantidade. A destruição faz-se tanto nos exemplares adultos, como nos que acabam de nascer e nos proprios ovos, quando, na época propria, aquelles procuram as praias para a desova.

As municipalidades têm procurado evitar o mal, nomeando capitães de praia, encarregados de fiscalizar a pega das tartarugas. Esses funccionarios, porém, com honrosas excepções, não fiscalizam cousa alguma, e mediante gratificações permittem que o abuso continue. E o habito já está por tal fórma inveterado que, quando algum quer levar a sério as suas funcções, arrisca-se a ter a sorte do malogrado Caetano Alves, assassinado no Rio Branco, no momento em que procurava cumprir o seu dever, tendo os assassinos sido absolvidos pelo jury da Bôa Vista.

Sob esse ponto de vista, as populações ribeirinhas do Orenoco, na Venezuela, mostram-se muito mais humanas e previdentes do que as nossas, apanhando as tartarugas, de modo a não diminuirem o seu numero, no futuro.

CARACARAHY

A viagem de Manáos a Caracarahy. — O unico combustivel usado é a lenha. — Industria que prospera rapidamente e promette um largo futuro.—Morosidade do embarque da lenha.—Uma idéa.—As primeiras terras altas e a que podem ser applicadas.—Os primeiros campos naturaes. —Opiniões sobre o rumo que deve tomar a estrada de rodagem.—Caracarahy, entreposto das regiões do baixo e do alto Rio Branco.—Seu atrazo e insalubridade.—Costumes locaes.—Como o gado é tratado.—Inconvenientes que podem ser removidos. — O embarque do gado.

A *Obidense* fez a viagem de Manáos a *Caracarahy* em setenta e uma horas, inclusive seis que perdemos, tomando lenha n oigarapé da *Conceição*, ainda affluente do rio Negro. Essa é uma demora a que estão hoje sujeitos até os grandes vapores da *Amazon River*, pelo alto preço a que chegou o carvão de pedra, em consequencia da guerra.

No igarapé da *Conceição* um milheiro de achas é vendido por 40$000 e dá, mais ou menos, para doze horas de navegação. E', como se vê, um preço mais do que razoavel, podendo mesmo ser classificado de barato, se se attender ao trabalho que dá a preparação das achas, todo feito a machado: derribar as arvores, *rolal-as* (reduzil-as a rolos), fazer as achas e conduzil-as para o ponto de embarque.

O preço é tão barato que, mesmo depois da guerra, é de crêr que essa industria possa fazer competencia, entre nós, ao carvão de pedra.

Se pelos processos rudimentares com que é explorada, é possivel obter aquelle preço, a quanto não cahirá este, quando machinismos aperfeiçoados succederem ao machado?

A luta de trincheiras, criando a necessidade de embaraçar os ataques da infanteria inimiga, por meio de cavallos de frisa, cercas de arame farpado, etc., pediu logo a invenção de instrumentos mechanicos que permittissem fazel-os o mais rapidamente possivel.

Esses instrumentos, de pequeno custo e de facil manejo,

podem e devem ser utilizados pelos cortadores de lenha, facilitando o augmento da producção e diminuindo de muito o seu custo.

E' necessario tambem encontrar-se um meio de tornar o embarque da lenha mais rapido do que se faz actualmente. Si *tempo é dinheiro,* não se póde continuar com o systema de embarcar a lenha, acha por acha, empregando nesse trabalho toda a guarnição do navio, á semelhança do que fazem nas construcções de predios os mestres de obra para fazerem subir as telhas ou os tijollos...

Um apanha a acha, passa-a ao visinho, este a outro, e assim successivamente por uma fila de 5 ou 6 homens, até chegar ao seu ponto de destino.

Isso durante seis horas, cançando os musculos de quem está no erviço e a paciencia de quem não tem outro geito senão supportar a massada, quasi sempre sob um calor senegalesco e ás voltas com a praga de piuns ou maruins, que raras vezes se esquecem de fazer uma visita a bordo...

Como não ha melhor mestra do que a necessidade, a experiencia desta levou-me a pensar que, talvez, não fôsse impraticavel applicar-se ao embarque de lenha o processo adoptado pelos grandes vapores ao embarque de mercadorias acondicionadas em pequenos volumes. A lenha seria arrumada em rêdes de arame, sufficientemente flexiveis para permittirem o abarcamento da carga pela ligação das extremidades ao guindaste, de modo que numa só lingada podessem embarcar muitas achas.

Essa arrumação já deveria estar feita, tanto quanto possivel, ao chegar a embarcação, cujo trabalho ficaria assim reduzido a um minimo de tempo.

Felizmente, a *Obidense* não precisou tomar lenha senão uma vez, e, segundo fui informado, em quantidade sufficiente para toda a viagem de ida e volta, sendo esse o costume pratico e louvavel de todas as lanchas.

As primeiras terras altas que se encontram no baixo Rio Branco são as do logar denominado *Santa Maria,* hoje abandonado.

Proximo de Manáos, a apenas algumas horas de baixada, *Santa Maria* está vantajosamente situada para uma fazenda, onde se fizessem soltas de gado, trazido do alto Rio Branco.

E' bem verdade que o logar não offerece campos naturaes em extensão sufficiente para uma grande fazenda, mas,

si não se faz a *omelette* sem quebrar os ovos, parece-me que valeria a pena preparal-os artificialmente, com a vantagem de dotal-os de pastagens que os campos naturaes, em regra, nunca apresentam.

Essas despezas seriam altamente compensadas pelos mais altos preços que o gado alli refeito obteria na occasião da venda.

Os primeiros campos naturaes, ficam já confrontando *Caracarahy,* no logar denominado *Vista Alegre,* tambem abandonado desde que foi assassinado o seu ultimo proprietario, Caetano Alves.

Ha quem seja de opinião que a estrada de rodagem a construir-se no Rio Branco, para salvar a zona encachoeirada, em vez de ser traçada pela margem direita do rio, como até hoje tem se feito, até *Caracarahy,* seja-o pela margem esquerda, terminando na *Vista Alegre.*

Os que assim pensam, allegam que a estrada seria construida com mais economia e a sua conservação mais facilmente assegurada, dando-se ainda a circumstancia de estar do mesmo lado de Manáos.

Essa é uma questão que só os technicos podem resolver, mas que não deve ser perdida de vista todas as vezes que se tratar do assumpto.

Caracarahy é um logarejo composto de cinco barracas, que servem de entreposto ás communicações do alto rio Branco com o resto do Brasil, por intermedio de Manáos.

As mercadorias que sobem, o gado e os productos que descem, bem assim como os passageiros de um e de outro lado, si já não encontram, ao chegar, a embarcação para onde têm de ser baldeados, são obrigados a fazer uma estação em *Caracarahy,* passageiros e mercadorias *pall mall* nas barracas e o gado em curraes e cercados.

Isso já acontece ha muitas decadas, o que não impede de *Caracarahy* ser ainda hoje um simples logarejo composto de cinco barracas, das quaes uma, apenas, coberta de folha de flandres e as demais de palha...

Está-se agora a construir uma capellinha, para pagamento de uma promessa...

Os seus habitantes vivem da hospedagem que dão... ao gado e ás mercadorias em transito, áquelle á razão de 2$000 por cabeça e a estas, conforme o ajuste, qualquer que seja o numero de dias que fiquem a espera de embarque.

Os passageiros nada pagam, o que é uma originalidade talvez não encontrada em qualquer outro logar do mundo.

Caracarahy gosa de pessima fama, quanto á solubridade. Entretanto, está situado em um logar alto, secco, tendo pelos fundos a immensa extensão dos campos geraes. A sua insalubridade, pois, pode ser procurada em causas artificiaes, cuja responsabilidade deve caber ao homem.

Em regra, todos os logares, onde se agglomeram, transitoriamente, muitas pessôas, não são saudaveis, desde que não seja observada uma hygiene rigorosa.

Ora, hygiene é cousa que em *Caracarahy* ninguem sabe o que significa ao menos.

As matalotagens, segundo me informaram, são feitas ao redor das barracas, ficando abandonado aos urubús tudo o que dellas não se quer aproveitar, como a cabeça, o buxo, etc.

Creio não ser preciso dizer mais nada.

Como se vê, tratam-se de causas facilmente removiveis pelos proprios habitantes do logar, sem necessidade de iniciativa extranha, a não ser a de aconselhal-os a abandonar habitos tão prejudiciaes.

A demora do gado em *Caracarahy* é uma das principaes causas do mesmo chegar a Manáos em condições desfavoraveis.

Uma vez em terra, vae o gado para cercados, onde passa os dias. De noite, vae para o curral. Como o tempo de embarque é sempre no inverno, o curral apresenta o aspecto de um atoleiro, onde o gado passa as noites, rondando e mugindo, sem poder deitar-se. Por seu lado, as pastagens são agrestes, as peiores, talvez, de todo o Rio Branco.

Uma semana de tal regimen é bastante para transformar o aspecto do gado.

Esses inconvenientes não são de difficil remoção.

A demora póde ser evitada por um serviço de transporte mais bem combinado entre a região criadora e os armadores proprietarios das lanchas que fazem o serviço de Manáos a *Caracarahy*.

A mudança do pasto, tratando-se de campos quasi sem vegetação, a não ser o capim, será facilima por meio de um tractor mechanico.

Os curraes não são tão grandes que não possam ser pavimentados com a pedra do proprio Rio Branco.

O embarque do gado é feito por um processo que nem

se recommenda pela humanidade, nem pelo interesse dos proprietarios.

O batelão encosta á extremidade da *manga* que sae do curral, construida de madeira pelo mesmo systema deste, da fórma a mais primitiva.

Tangido pelos vaqueiros o gado desce pela *manga* até chegar ao alcance do guindaste e, laçado pelos chifres, é suspenso por elles e depois arriado dentro do batelão. Nesse trajecto, não raro se machuca de encontro ás bordas do batelão ou quando cae no porão deste.

Perguntando eu, porque não adoptavam o systema usado em toda parte de embarcar o gado na posição natural, suspenso pela barriga e peito, responderam-me que isso não era possivel com o gado do Rio Branco, porque ainda está muito bravo.

Infelizmente, a causa é verdadeira, como terei occasião de mostrar mais adiante.

No batelão, o gado é amarrado com cabrestos de cabo grosso em determinados logares e assim viaja elle até Manáos, sem comer, sem beber, e sem deitar-se. Esse é o inconveniente mais difficil de remover-se, porque não se pode dar conforto em viagem ao gado, sem o sacrificio de grande espaço no batelão, o que diminuiria a receita da embarcação de tal modo, que as viagens seriam fontes de despezas, em vez de lucros.

A viagem de baixada, porém, é curta, sendo feita folgadamente dentro de 48 horas.

O CUJUBIM

A zona encachoeirada do Rio Branco. — A propria natureza, com o "Furo do Cujubim", dá uma solução ao problema.—Obras que a completariam.—A estrada de ferro, de construcção carissima, e por emquanto inexgotavel. — A estrada de rodagem parece ser a solução mais opportuna.—O primeiro trecho a construir.—As emoções que a belleza do "Cujubim" provoca. — A força da correnteza.

A zona encachoeirada do Rio Branco tem o seu inicio um pouco acima de *Caracarahy*. Antes, porém, da mesma ser alcançada, a propria natureza encarregou-se de dar solução ás difficuldades com que os tombos e corredeiras embaraçam a navegação.

O chamado *Furo do Cujubim* é um grande paraná que contorna a zona encachoeirada, tornando a navegação, durante o periodo das cheias, relativamente facil. Digo, relativamente, porque o *Cujubim*, mesmo cheio, apresenta algumas passagens difficeis de serem transpostas á noite, por causa de tres ou quatro pedras que lhe obstruem o leito, pedras, aliás, perfeitamente eliminaveis, sem prejuizo do represamento das aguas.

A passagem de uma dessas pedras, precisamente a que dá o nome ao *Furo*, sempre provoca temores a quem não está affeito á viagem, porque a direcção do canal indo justamente sobre a pedra, para quasi tangencial-a, a impressão que se tem é que a embarcação vae espatifar-se de encontro á mesma, impressão que só não se traduz em protesto, pela calma absoluta que apresenta o semblante do pratico, em pessôa na roda do leme, attento á manobra.

Quasi sobre a pedra, talvez a cincoenta metros, carrega o pratico o leme para boreste, e a lancha com o batelão, sem exagero, dez vezes maior do que ella, passa roçando a pedra. Um desgoverno da embarcação naquelle momento, provocado por qualquer accidente no leme, póde e já tem sido fatal.

Tirando essas tres ou quatro passagens difficeis, o *Cu-*

jubim é francamente navegavel, durante a cheia, mesmo por embarcações de certo vulto.

O problema da navegação do alto Rio Branco estará resolvido, no dia em que se conseguir mantel-o sempre com agua em certa profundidade.

A commissão enviada pela Superintendencia da Defeza da Borracha para estudal-o, em relatorio apresentado ao Ministerio da Agricultura, assim opinou, propondo, para que se chegasse a tal resultado, o levantamento de uma barragem em determinado logar do leito do Rio Branco, afim de que represadas as aguas no Rio, tivessem as mesmas de descer pelo *Cujubim*.

E', como se vê, uma solução racional, de facil comprehensão mesmo para os que não são technicos, exigindo um dispendio relativamente pequeno, assim de dinheiro como de tempo.

Se me não falha a memoria, o orçamento geral para todas as obras necessarias á continuidade da navegação do alto e baixo Rio Branco, durante o anno inteiro, vae um pouco acima de oito mil contos de réis, o que torna possivel o inestimavel melhoramento, mesmo em época de recursos financeiros pouco folgados.

O ideal seria a estrada de ferro ligando Manáos aos campos do Rio Branco. Infelizmente, porém, muito longe está elle de ser realizado, pelo colossal dispendio de dinheiro exigido, sem conpensações razoaveis, ainda por muitos annos.

Nos contractos para construcções de estradas de ferro que o Amazonas tem assignado, para effeito da garantia de juros, calculou-se o custo do kilometro a uma média de 60:000$000. Esse calculo, entretanto, está muitissimo aquem da realidade, já não direi no Amazonas, onde as difficuldades são maiores do que em qualquer outra parte, mas até mesmo nas regiões do nordeste brasileiro.

A unica estrada de ferro construida na região do Amazonas—a *Madeira Mamoré*—offerece uma média 4 ou 5 vezes maior do que aquella, de sorte que, fazendo um calculo optimista, cada kilometro de estrada de ferro do Rio Branco não custaria menos de 180:000$000, ou sejam, pouco mais ou menos, 140.000:000$000 para o seu custo total.

Como durante muitos annos, após a construcção, a estrada não poderia contar com um trafego remunerador, a garantia de juros para aquelle capital avultado, a 6 por cen-

to, exigiria, num anno só, a quantia sufficiente para levar a effeito no Rio Branco, os melhoramentos que lhe assegurariam a navegação a todo tempo.

Além disso, ninguem ignora que os transportes por agua são sempre muito mais baratos do que os effectuados por terra. E como os melhoramentos não se excluem, o mais rudimentar bom senso aconselha que se comece primeiro pelo mais facil.

Essas mesmas considerações que ora faço sobre as vantagens que offerecem os melhoramentos do Rio Branco, *vis-á-vis* da estrada de ferro, applicam-se tambem ás vantagens que trará a estrada de rodagem, se possivel do Rio Branco a Manáos; ou pelo menos de *Bôa Vista* a *Caracarahy*, *vis á vis* daquelles melhoramentos, na questão do preço e do tempo.

Calculando-se a oito contos de réis o preço médio da unidade kilometrica, a estrada de rodagem de Manáos ao Rio Branco sahirá por 6.400:000$000. Esse calculo já está feito com todo o pessimismo, segundo informações que teve a gentileza de fornecer-me competente engenheiro, talvez, sendo possivel construir a estrada com 5.000:000$000.

Está claro que se não trata de uma estrada de rodagem, para passeio ou corridas de automoveis, devendo contentarmo-nos com uma que nos assegure o trafego commercial.

O problema em si consiste em por-se o mais depressa possivel o alto Rio Branco em communicação permanente com a capital do Estado.

O meio mais barato e rapido que se offerece é o da estrada de rodagem. Se assim é, parece que se deve começar por ella, sem prejuizo dos outros melhoramentos, mais tarde, quando houver recursos.

E como, presentemente, as communicações de Manáos com *Caracarahy* ou *Vista Alegre* só se interrompem durante dous ou tres mezes no anno, ao passo que as de *Vista Alegre* ou *Caracarahy* com o alto rio Branco interrompem-se, ordinariamente, de 7 a 8 mezes, a necessidade actual mais premente é de ligar-se um daquelles dous logares, com o alto rio Branco, devendo por ahi ser iniciada a construcção da estrada de rodagem, tendo-se em vista, desde logo, o seu proseguimento até Manáos, o que aconselharia fazer-se a estrada partindo da margem esquerda do rio e não da direita, como foi feita a pequena estrada, ora em serviço, ligando *Caracarahy* ao lago do Rei, acima da bocca superior do *Cujubim*.

Da *Vista Alegre* em deante o Rio Branco vae se estreitando, sem, entretanto, perder o aspecto de um grande rio.

Tendo feito as viagens, quer de subida, quer de baixada, pelo *Cujubim*, não vi a zona encachoeirada do Rio Branco, o que foi para mim motivo de grande pena.

Quaesquer que fossem, entretanto, as emoções que a região me podesse provocar, certamente não seriam ellas superiores ás que senti, viajando naquelle simples paraná, com que a grande mãe natureza quiz corrigir a sua propria obra.

A paysagem que apresenta o *Cujubim* é completamente diversa da que offerece o Rio Branco.

Em vez das terras baixas e alagadiças das margens deste, o que os olhos admirados do viajante contemplam são altos barrancos, de terra rôxa, attestando a pujança da sua fertilidade nas florestas compactas que apresenta, tão compactas que a dous metros da margem é impossivel vêr o mais insignificante claro.

As proprias ilhas que pontilham o furo tambem são formadas por terras altas, com raras excepções, dando um aspecto encantador á marinha, e tornando-a inconfundivel com a que é tão commum, senão unica, na grande maioria dos rios da bacia amazonica.

O proprio verde da floresta é mais carregado do que no Rio Branco, circumstancia que só por si constitue um encanto, para quem já vem com os olhos cançados de passar dias a ver sempre o mesmo verde-claro cobrindo o horizonte.

Um operador cinematographico encontraria no *Cujubim* motivos para um soberbo *film*, digno de figurar entre os que se propuzerem reproduzir os mais bellos logares do Brasil.

Em certos sitios, as aguas apresentam uma correnteza tão forte, que a lancha não póde vencel-a e, então, para que se não perca o caminho andado, é necessario *dar o cabo*, operação que consiste em amarrar-se a lancha a qualquer arvore da margem, até que as machinas, levantando mais a pressão, possam tiral-a da difficuldade.

Quem olha para as aguas tem a impressão de que a lancha vae andando com velocidade, mas os pontos de referencia tomados ás margens destroem a illusão, mostrando ao observador que alli só se anda aos palmos.

O que vale, para os que têm de fazer a viagem de ida e volta, é que se assim succede na subida, inteiramente contraria é a sensação na descida. Nesta, a lancha vem com uma ve-

locidade de transatlantico, fazendo em tres horas o percurso que, naquella, effectuou em dez.

Na viagem de *Caracarahy* á *Bôa Vista* gastámos 30 horas e apenas 11 no regresso, o que é sem duvida, um *record* na differença.

BOA VISTA

Bôa Vista do Rio Branco. — Impressões da villa.—Dado o isolamento da região, Bôa Vista deveria ser maior do que é.—Riqueza relativa do municipio.—O contribuinte paga impostos sem o menor proveito.—Necessidade de reducção do importo cobrado sobre o gado exportado.—Má orientação tributaria.—A que deve ser adoptada, segundo a sciencia economica.

Bôa Vista, de longe, parece ser muito maior do que realmente é. Situada á margem direita do rio Branco, em uma posição dominante, apresentando casas bem construidas de pedra e cal, cobertas de telhas e garridamente pintadas a côres, impressiona o viajante de modo muito favoravel.

Em terra, essa impressão agradavel perdura.

As ruas da villa são largas como *boulevards* e não obstante a falta de calçamento, são limpas e seccas, mesmo na estação invernosa.

Ao saber que a villa só contava 49 casas e barracas fiquei surprehendido com esse numero, porque as ruas são muitas e a área construida é grande.

O facto explica-se pela enorme distancia em que os predios ficam uns dos outros, havendo ruas em que não chegam a meia duzia.

Atraz da villa ficam os campos geraes pelo que, mais adeante, a futura cidade poderá extender-se, indefinidamente, sem offerecer, entretanto, os encantos das cidades edificadas em terrenos accidentados.

Calculando-se para cada predio da villa, a media de dez habitantes, a sua população não chega a 500 almas, o que, dado o isolamento em que fica toda a região do alto Rio Branco, durante metade do anno, constitue uma anomalia que não tinha razão de ser.

Comprehende-se, perfeitamente, que o interior do Amazonas, sustentado pela industria extractiva da borracha, onde cada seringal é um porto em communicação directa com

Belem, Manáos, ou Iquitos, não apresente uma unica cidade, digna desse nome.

A região do alto Rio Branco, porém, devia fazer uma excepção a essa regra:—Vastissima, vivendo a sua população quasi que exclusivamente da industria pastoril, localizada em fazendas centraes, a grandes distancias umas das outras, devia offerecer um logar que servisse de entreposto ao commercio local, e ponto de reunião, onde os seus habitantes encontrassem a vida em sociedade tão necessaria ao homem, a exemplo do que succede nos outros Estados brasileiros e em toda parte.

Era natural que cada fazendeiro do Rio Branco tivesse a sua casa na *Bôa Vista,* onde podesse passar, confortavelmente, algum tempo, quando a isso fosse obrigado por molestia ou negocio, ou mesmo pela necessidade de quebrar o isolamento a que a vida de fazenda obriga.

Só de poucos annos a esta parte é que *Bôa Vista* tem uma pharmacia e a egreja está em ruinas...

Investigando as causas do phenomeno, julguei encontral-as no facto da maior parte dos proprietarios de fazendas no Rio Branco não residirem lá.

Um delles, o maior, possuidor de vinte por cento de todo o gado da região, o sr. commendador Joaquim Gonçalves de Araujo, nunca poude, sequer, visitar as suas propriedades. Os herdeiros do finado Sebastião Diniz, em cujas mãos estão muitas fazendas, ou residem no Pará ou em Manáos.

Os pequenos fazendeiros não dispõem de recursos para construir predios na villa; poderiam, talvez, alugal-os, por preços modicos, mas como o capital, assim empregado, não dá uma renda compensatoria, os que estão nas condições de construir, absteem-se disso.

A villa não tem nenhum serviço municipal organizado. Entretanto, dispondo o municipio de um orçamento annual não inferior a 50:000$000, bem poderia apresentar ao menos agua encanada e illuminação publica.

Queixam-se os de lá de que nada podem fazer, porque as rendas do municipio não são entregues aos seus administradores, estando o Thesouro Estadoal a dever-lhe grandes sommas, de exercicios atrazados. Pensa a administração actual, entregue ao zelo e competencia do dr. Rocha Leal,

com os pagamentos que o dr. Alcantara Bacellar promette effectuar, promover o serviço de illuminação publica.

A exemplo do que succede na totalidade dos municipios do Amazonas, no de *Bôa Vista* o contribuinte paga os impostos municipaes, sem quasi tirar disso o menor beneficio, parecendo que as rendas municipaes não têm outro fim senão alimentar os apparelhos legislativo e executivo, o que é o mesmo que dizer que o municipio só existe para os seus funccionarios.

Justo é consignar que o dr. João Augusto Zany, quarto superintendente, prestou os auxilios que poude á população, durante a epidemia que assolou o municipio, no principio deste anno.

Entretanto, o fazendeiro do Rio Branco paga impostos onerosissimos, como seja o de 8$000 por cabeça de gado vaccum exportado, quando os seus concurrentes do baixo Amazonas, pagam apenas 3$000.

E não se diga que esse imposto é pago pelo comprador e não pelo fazendeiro, porque, offerecendo aquelle os preços da compra com o calculo do imposto, afinal este vem a incidir sempre sobre o vendedor.

Valendo o gado do Rio Branco, exportavel, na média 50$000 por cabeça, claro é que o imposto de 8$000 é muito elevado, e, no proprio interesse do municipio, deve ser diminuido para o limite do cobrado pelos municipios criadores do baixo Amazonas, de accordo com o que aconselham os mais rudimentares preceitos da sciencia economica.

Infelizmente no Brasil, com especialidade nos Estados do Norte, pouca gente ainda quiz convencer-se de que não é com impostos altos, quasi prohibitivos, que os paizes se desenvolvem e enriquecem. A essa inqualificavel orientação tributaria, aniquiladora das mais pertinazes iniciativas particulares, devemos nós o atrazo em que vivemos, pelo que precisamos reagir já e já, si não nos quizermos passar, pelas nossas proprias mãos, attestado de incompetencia administrativa.

Pouco importa que a diminuição das taxas tributarias acarrete um desiquilibrio orçamentario de effeito transitorio. Outras compensações surgirão logo, corrigindo o desequilibrio e dentro em pouco, o augmento da producção dará margem franca a chegar-se á renda anterior, pondo o productor

em situação folgada e ficando o consumidor beneficiado pela baixa dos preços da venda.

E' necessario ir-se ainda mais longe, criando premios de incitamento aos productores, em vez de sobrecarregal-os de encargos fiscaes, que afugentam os que pensavam em iniciar-se e asfixiam os que já estão trabalhando.

Foi pela adopção dessa clarividente politica economica que o dr. Nilo Peçanha conseguiu em menos de dous annos fazer o milagre de transformar o Estado do Rio de Janeiro, da situação de verdadeira fallencia (Quintino Bocayuva, justificando a sua renuncia, dizia que o Estado precisava de um syndico e não de um presidente), em que se encontrava, em um estado de prosperidade tal, que tornou possivel a negociação de um emprestimo externo a um typo raramente obtido por outras unidades da Federação.

Com o municipio da Bôa Vista certamente, succederia outrotanto, porque só essa é que é a verdadeira orientação ensinada pela sciencia economica.

O HABITANTE

O dever de hospitalidade.— Calculo estimativo da população.—Colonias estrangeiras e nacionaes de outros Estados.—Os indios.—Só trabalham entre os civilisados quatro mezes no anno.—Muitos não querem o contacto directo com estes. — Por que é aproveitado o trabalho dos indios.— Opinião de um funccionario da Inspectoria de indios. — Optimismo evidente.—A questão nos seus justos termos.

A tradicional hospitalidade brasileira é religiosamente cultivada no Rio Branco e tida como um dever.

O hospede é a pessôa sagrada para a qual estão sempre reservados o melhor quarto da casa e o logar de honra na mesa, porfiando todos em que lhe não falte o que ha de melhor em casa.

Por toda parte onde estive no Rio Branco, fui sempre acolhido com essa simples, mas calorosa hospitalidade, tão nossa, e que tanta admiração causa aos estrangeiros que nos visitam, não admittindo a existencia de hoteis ou hospedarias.

Em *Caracarahy,* os passageiros em transito, quaesquer que sejam, conhecidos ou não do dono da barraca, passarão nesta os dias de espera da lancha, em que têm de embarcar, dormindo e comendo sem a menor retribuição.

Na casa do rico ou na barraca do pobre, pode o viajante ficar certo que encontrará sempre o mais franco e sincero acolhimento, na proporção das posses de cada um.

O simples morador ou aggregado das fazendas, que é a gente mais pobre da região, considera a visita extranha como uma honra, e nunca se esquece de offerecer ao hospede uma chicara de café, e se este se demora, de preparar-lhe o almoço com o melhor pedaço de carne que tem de reserva, quasi a unica alimntação de que por ali se faz uso.

Por deficiencia de dados estatisticos seguros, só por mera estimativa pode ser calculado o numero de habitantes do municipio da Bôa Vista, devendo orçar entre 8 a 10 mil a po-

pulação propriamente indigena e entre 3 a 4 mil a restante, no meio da qual se contam muitos portuguezes, na sua maioria commerciantes ou fazendeiros.

A colonia turca, cuja força de penetração tem se feito sentir em todos os recantos do Brasil, mesmo os mais afastados, já está representada por alguns *teque-teques*, que fazem, como sempre, uma grande concorrencia ao commercio local.

Das colonias brasileiras de outros Estados as mais numerosas são a piauhyense, a cearense e a parahybana, notadamente as duas primeiras, principaes fornecedoras de vaqueiros ás fazendas. Ha, tambem, alguns maranhenses e pernambucanos.

Os indios vivem aldeiados nas suas malocas, e só por excepção se localizem definitivamente entre os civilizados.

Muitos delles, annualmente, descem daquellas á procura de trabalho, mas não gostam de demorar-se ausentes dos seus mais de 4 mezes. Decorrido esse prazo, pedem as suas contas aos patrões, e depois de receberem em mercadorias os minguados salarios a que fizeram jús, voltam aos seus lares, obedecendo a um impulso mixto, de fundo nostalgico pela saudade da maloca natal e de anceios da liberdade, que não encontram no trabalho assalariado, e de que não podem estar privados muito tempo, sem profunda magua que pode ser mortal.

Indios, propriamente em estado selvagem, já não existem no Rio Branco, mas innumeros ha que não querem contacto directo com os civilizados, só entrando em relações com estes por intermedio dos indios que procuram trabalho. Aquelles são os que vivem mais afastados da região das fazendas, com as malocas situadas proximo ou nas serras do systema *Parimo Guyano*, quasi que no estado de isolamento primitivo, embora já andando vestidos e sabendo fazer uso das armas dos civilisados.

No Rio Branco os serviços dos indios são aproveitados para todos os mistéres, inclusive o de vaqueiro, no que ás vezes se tornam eximios. Assim, os da fazenda nacional *São Marcos* são quasi todos indios, a começar pelo capataz, e mais ou menos vão dando conta do recado.

O serviço, porém, em que são indispensaveis, porque nelle poucos se atravem a fazer-lhes concorrencia, é o de remar canôas ou batelões nas travessias perigosas das cachoei-

ras ou corredeiras. Hereditaria e pessoalmente acostumados a affrontar esses perigos, fazem-no com uma pericia e sangue frio taes, que os máos accidentes só se registam como casos de excepção.

Quando nas malocas, plantam o milho e a mandioca de que necessitam e o que sobra vendem aos civilisados, em troca de armas e pannos para roupa.

São quasi todos de indole pacifica, supportando com resignificação as injustiças que muitas vezes soffrem dos patrões, por não poderem estes comprehender a fatalidade das causas que os obrigam a não poderem viver afastados das malocas naes, mais de quatro mezes.

Essas informações sobre o caracter e os habitos de trabalho do indio puro do Rio Brnco eu não as colhi pessoalmente, por falta de tempo e de opportunidade, sendo-me fornecidas pelo sr. Dagoberto de Castro e Silva, zeloso funccionario da Inspectoria de Indios, ali residente, cuja opinião, apezar de muito sincera, me pareceu optimista, pela predisposição natural em que se encontra sempre o protector para relevar os defeitos do protegido.

Para o sr. Castro e Silva si no Rio Branco ainda se vê algum trabalho, é este feito pelo indio, a troco de salarios infimos, habito abusivo que a inspectoria está procurando evitar, não consentindo que os indios se assalariem sem contracto escripto, por prazos nunca superiores a tres mezes.

Não estou longe de concordar com o sr. Castro e Silva em alguns pontos, mas na sua propria defesa do indio do Rio Branco, está a prova de não ser este um trabalhador que mereça esse nome, economicamente falando.

Homens cuja actividade annual está fatalmente sujeita a collapsos de 8 mezes, por melhor que seja a sua indole, ninguem póde contar com elles para levar a effeito qualquer empreza séria, de sorte que, a não ser que se torne possivel mudar-lhes aquelle habito, para o qual é muito possivel que tenha concorrido em grande parte a mesquinhez dos salarios, quando a região do Rio Branco tiver de entrar no periodo de actividade que parece proximo, o trabalho do indio só, secundariamente, poderá ser aproveitado, o que é uma pena para o nosso sentimentalismo, mas, infelizmente, não póde ser de outra fórma.

OS MEIOS DE TRANSPORTE

A região das fazendas. — Possibilidade de communicações faceis. — Magnifica distribuição dos cursos d'agua.—O "Uraricuéra" e o "Takutú".—O caminho para a Guyana Ingleza. — Predominio commercial dos guyanenses no Rio Branco.—O Forte de "São Joaquim".—Sua vantajosa posição e lastimavel abandono. — O Rio "Cauamé".—Um susto sem consequencias.—Rapidez das enchentes e vazantes do rio.—Os transportes por terra. — Mesmo agora, pode-se utilizar o automovel.—Conveniencia de uma prévia unidade de plano para o traçado das futuras estradas.

Um pouco acima de *Bôa Vista,* ao receber pela margem esquerda o *Takutú,* seu principal affluente, o Rio Branco toma o nome de *Uraricuéra,* com o qual vae até as suas cabeceiras. Antes disso, porém, recebe pela margem direita o *Cauamé,* cuja bocca, de subida, fica a menos de uma hora de viagem daquella villa.

E' d'ahi que começa a região das grandes fazendas, para só terminar já muito no interior da Guyana Ingleza.

Em geral, as fazendas ficam situadas nas margens dos rios; mas ha muitas, e das mais importantes, que não gosam desse previlegio, como por exemplo a denominada *Serra da Lua,* de propriedade dos herdeiros do coronel Sebastião Diniz, talvez, a melhor do Rio Branco, que é completamente central, exigindo, para ser alcançada, fatigantes viagens por terra, a cavallo, ou nos tradicionaes carros de bois.

A região presta-se, maravilhosamente, a um systema de communicação rapidas e faceis. No inverno todos os seus rios são perfeitamente navegaveis, até mesmo por lanchas de certo vulto, conduzindo a reboque batelões carregados de gado.

Os cursos d'agua são distribuidos pela natureza de modo a não haver grandes tractos de terras desprovidos delles. O *Uraricuéra* e o *Takutú,* formadores do Rio Branco, são os caminhos principaes, recebendo aquelle pela margem di-

reita o *Amajary*, que corre no mesmo sentido do *Cauamé* e do *Mocajahy*, affluentes do Rio Branco, emquanto que o *Takutú*, cujo curso tem a fórma de uma immensa azelha, ficando as suas cabeceiras em latitude inferior á da fóz, recebe pela margem direita o *Surumú* e o *Mahú*, servindo de limites com este, em virtude do laúdo do Rei da Italia, entre o Brasil e a Guyana Ingleza.

Além desses rios outros ha, menos importantes, como o *Murupú*, affluente do *Cauamé*, pela margem esquerda, além de uma grande quantidade de igarapés, como o *Truarú*, affluente do *Uraricuéra*, pela margem direita, com agua sufficiente, no inverno, para dar ingresso áquellas embarcações, até determinados pontos.

Visitei o *Cauamé*, até o porto do *Veado Velho*, o *Uraricuéra*, até a fazenda *Alagadiço*, o igarapé *Truarú* até a fazenda desse nome, o *Tukutú*, até a fóz do *Surumú*, e este até a fazenda *Flechal*.

Dos pontos, onde cheguei no *Uraricuéra* e no *Takutú*, até o limite navegavel, quer de um, quer de outro, precisaria viajar ainda mais dous dias, segundo me informou o pratico Esperidião, filho do logar, e seu profundo conhecedor.

Os dous rios, no inverno, são largos e caudalosos, aquelle mais do que este, apresentando aspectos diversos, um do outro, até mesmo na côr das aguas, que são amarello claras no primeiro e um tanto esverdeadas no segundo.

Onde a differença se faz mais notavel, porém, é nos aspectos das margens:—perfeitamente eguaes ás apresentadas pelo Rio Branco no *Uraricuéra*, como é natural, porque são um mesmo rio, emquanto que no *Takutú*, bem assim no seu affluente *Surumú*, se desenvolvem aos olhos do viajante, muito baixas, quasi sem mattas, em grande parte formando lagos cheios de restingas, onde o gado se refugia, á proporção que as aguas vão crescendo e cercando-o por todos os lados, e onde o espera a morte, si, muito demorada a enchente, não lhe fôr prestado soccorro.

A passagem de muitos dias com os cascos dentro d'agua, faz com que estes amolleçam e se descolem, o que uma vez verificado o animal está irremediavelmente perdido.

E' pelo *Takutú* que se viaja para a Guyana Ingleza, viagem facil no inverno, podendo ser tirada numa semana da *Bôa Vista* a *Georgetown*. Sóbe-se aquelle rio até o seu affluente *Mahú* e depois este até determinado ponto, de onde

se vae em oito horas, a cavallo, até o *Repununy,* affluente do *Essequibo,* pelos quaes se desce embarcado até *Georgetown.*

Já existe um trafego muito regular entre as duas regiões, infelizmente todo elle em beneficio dos guayanenses, que são os unicos vendedores, levando o nosso dinheiro, já convertido em libras esterlinas, em troco do gado e mercadorias que vendem.

Esse trafego tende a augmentar de dia para dia e conquistará a quasi totalidde do commercio da região no dia em que estiver prompto o caminho de ferro que os inglezes projectam de *Georgetown* para a nossa fronteira, (só ainda não realizado devido á conflagração européa), si o governo brasiliro não neutralizar taes vantagens, resolvendo por sua vez o problema dos transportes do Rio Branco a Manáos.

E', na foz do *Takutú,* margem esquerda, que está situado o forte de *São Joaquim,* vedeta da nossa fronteira com a Guyana Ingleza, levantado e artilhado pelos portuguezes no tempo colonial. Mestres na arte das fortificações, o local está admiravelmente escolhido, como ponto de apoio, tanto para a defeza, como para o ataque, pois domina o caminho necessario para aquellas paragens.

Infelizmente, porém, a incuria dos nossos governos reduziu o antigo forte colonial a uma simples expressão, pois delle já só restam as ruinas.

O que existe hoje são quatro barracas de palha, occupadas por uma duzia de praças, sob o commando de um sargento. E' um fortaleza, uma praça de guerra, sem artilharia, deffendida por doze fuzis, com os atiradores protegidos por barracas de palha!

E'certo que, resolvida a nossa questão de limites com a Guyana Ingleza, sendo de completa paz e as mais amistosas as nossas relações com o governo britannico, não temos que receiar um ataque por aquelle lado.

Mas se assim é, melhor é que se acabe com aquella irrisão, que só serve para nos cobrir de ridiculo aos olhos dos estrangeiros e encher de vergonha os brasileiros, que desejam ver esta Patria grande e respeitada!

Dos affluentes principaes do *Rio Branco* o *Cauamé,* sendo um dos mais estreitos, e de curso caprichoso, cheio de curvas apertadas, é apezar disso perfeitamente navegavel, como tive occasião de tirar a prova, subindo-o até o porto do *Veado,*

conduzindo a reboque da lancha *Calabar* o batelão *Vencedor*, com capacidade para carregar 60 bois.

Até então, só lanchas a gasolina tinham navegado o rio, mas assegurando-nos o pratico Esperidião que o rio dava franca navegação áquellas embarcações, eu e os meus dois compnheiros resolvemos tentar a aventura, felizmente levada a cabo sem outro accidente, além de uma *entrada no matto*, já de descida, na passagem dum cotovelo brusco, em virtude da forte correnteza do rio e do máo governo que dava a lancha, pequena de mais para o reboque que levava.

Além do pequeno susto que raspámos, o incidente serviu-nos para pôr á prova a resistencia do batelão, da qual se sahiu, aliás, galhardamente, sem a mais insignificante avaria.

Si houvesse necessidade, poderiamos ter continuado a subir o *Cauamé* até muito mais acima do *Veado*, com a mesma facilidade.

Emquanto estivemos atracados, tive occasião de verificar a rapidez com que as aguas descem naquelle rio, phenomeno commum a todos os outros, ainda que em menor escala:—Em 36 horas a vasante foi de quasi meio metro! Em compensação as enchentes tambem se fazem na mesma escala, com intercorrencias, o que torna a navegação, no inverno, possivel ainda que sujeita a surprezas.

No verão si os transportes por agua são impossiveis, por que todas aquellas grandes caudaes passam a ser verdadeiros riachos, com solução de continuidade no curso algumas delles, as communicações por terra são facilimas, porque os viajantes ou comboios só têm na sua frente a immensidão dos campos, aqui e ali pontilhados de cajueiros bravos, a que os de lá dão o nome de *caimbés*, e que são abrigos magnificos contra a chuva e a soalheira ou de florestas de *miritysciros*, indicadores de que por ali corre agua.

Não é possivel uma região mais propria para a construcção de estradas de rodagens do que aquella, de custo e conservação tão baratos que podem ficar perfeitamente dentro da iniciativa dos proprios particulares, mais adeante, quando um mais racional aproveitamento das fazendas, dando logar a maiores lucros, permittir ao fazendeiro outras despezas, que não as do simples e deficiente custeio do gado, como succede agora.

A não ser nos logares baixos, alagadiços no inverno, o sólo é sufficientemente duro para permittir sobre elle o tra-

tego de carros, desde que não seja muito intenso. As estradas do Rio Branco, na sua actual necessidade, consistiriam apenas em uma simples limpeza do capim em toda a sua extensão, arrancamento de tocos de *caimbés,* nivelamento raro de um ou outro logar e construcção de algumas pontes ligeiras.

Mesmo na situação actual dos campos, que ainda é a primitiva, um automovel, si não encontrasse os obstaculos dos rios, poderia percorrer toda a região com a maior facilidade, pelo que, sem receio de errar, pode-se affirmar que não ha problema de mais facil solução no alto *Rio Branco* do que o das communicações de uns logares com outros da região.

A unica difficuldade séria é a passagem dos rios, porque exige a construcção de pontes, o que se não póde fazer sem dispendios relativamente grandes. Essas pontes que as construa o governo, que o seu principal fim é prover as necessidades publicas.

Afim de que as estradas do *Rio Branco* comecem desde o seu inicio obedecendo a uma unidade de plano, conviria traçal-o o mais depressa possivel, officialmente, sem o que serão desperdiçados esforços, inutilmente, pelos particulares.

Sabendo o fazendeiro que a estrada real passará em determinado ponto, agirá de modo a pôr as suas terras em communicação com aquella estrada pelo caminho melhor. E assim, quando cada um tivesse de abrir o seu pedaço de estrada, já sabia qual o caminho a seguir, num trabalho consciente, para um determinado fim.

Emquanto o trafego nas estradas fôr pouco intenso, não será necessario pavimental-as, mas, em chegando esse dia, tambem facil será o trabalho, com a pedra e a areia que existem abundantes em toda a região. E' provavel que essa necessidade não se faça sentir tão cedo; todavia, sabendo-se que muitas vezes uma simples decada basta para transformar um paiz, é agradavel sabermos que na hora em que a mesmo necessidade apparecer, estaremos preparados para, com recursos ao alcance da mão, dar-lhe prompta satisfação.

OS CAMPOS

Os campos do Rio Branco.—Serras e ondulações do terreno.—Os lavrados.—Uma campeada.—Empolgante espectaculo de força e destreza. — Os vaqueiros.—Aspectos emocionantes da lucta.—Momento perigoso.—A derribada.— Força da hereditariedade. — Outra campeada.—O rodeio. — Os campos da Fazenda Nacional São Marcos. — Uma aparta de sessenta bois.—Mais pode a voz do sangue do que a do raciocinio.

Os campos do Rio Branco! Cem annos que eu viva ainda e jamais esquecerei a emoção que tão grandioso scenario me despertou, quando pude contempla-o em toda a pompa da sua inenarravel belleza!

Imagine-se um descommunal tapete verde claro, com a extensão do proprio horisonte visual, decorado de pittorescas paysagens, como esses que a imaginação ardente dos orientaes concebe e executa, para ornamento dos sumptuosos palacios turcos e persas e poder-se-á dar uma pallida imagem do que são aquelles campos!

Quanto a mim, confesso que fiquei enlevado, diante da sua estupenda grandiosidade, excedendo o real a tudo quanto a minha phantasia tinha calculado poder encontrar, o mesmo succedendo ao meu companheiro de viagem sr. Manoel Marques da Silva, conhecedor profundo dos campos de criação do baixo Amazonas, que está acostumado a ver e atravessar.

Desde a *Vista Alegre,* ainda no baixo Rio Branco, que se vão encontrando os primeiros campos, mas onde eu os comecei a percorrer a cavallo foi na fazenda *Santa Maria,* de propriedade do commendador Joaquim Gonçalves de Araujo, situada á margem esquerda do *Cauamé.*

Transporta a zona florestal, pouco profunda, que acompanha o curso do rio, nas duas margens, começam os campos, tanto mais abertos, quanto se distanciam daquellas.

Em *Santa Maria,* como em outros logares do Rio Branco, o terreno é accidentado, apresentando serras e ondulações, ora descalvadas e ora cobertas de uma vegetação luxuriante, com

aspectos de verdadeiras florestas, que interrompem a continuidade dos campos.

Essas serras são ramificações longinquas do systema *Parimo guyano,* que nos serve de limites naturaes com os nossos visinhos do Norte.

Os lavrados (assim são chamadas as extensões de campos, que no nordeste têm o nome de *taboleiros,* sem outra vegetação além do pasto) de *Santa Maria,* por isso, são relativamente pequenos, mas ainda assim bastantes para conter alguns milhares de rezes.

São Salvador, a fazenda visinha, já os apresenta, porém, cobrindo leguas e leguas, a perder de vista, separados uns dos outros por *myritisaes,* que acompanham os cursos dos igarapés ou corregos, um dos quaes, devido ás cheias, tive de atravessar com agua pelo peito do cavallo e acima dos meus joelhos.

A viagem de *Santa Maria* a *São Salvador,* fizemol-a nós, na ida, aproveitando o sol baixo da manhã, mas, na volta, não nos podemos poupar ao sol abrazador do meio dia, que em pleno campo, sem abrigos, parece mais forte do que em qualquer outra parte. Nessa viagem o nosso companheiro Agesiláo de Araujo não nos poude acompanhar, por ter se sentido indisposto.

De caminho, o sr. Marques e os vaqueiros que nos acompanhavam foram *dando um campo* no gado que topavamos, para que podessemos ter uma idéa do seu estado e custeio. *Dar um campo* quer dizer, reunir o gado que está espalhado no pasto, num grande lote, para qualquer fim.

E' um trabalho que tanto tem de bello como de perigoso e por isso mesmo domina e empolga os que nelle se occupam, transfigurando-os naquelles momentos.

Já affeito a taes embates, o gado presente-os e, quando avista os vaqueiros ou se resigna a obedecer-lhes, seguindo para onde lh'o tangem, ou se prepara para escapar ao rodeio. Esses ultimos, mais amantes da liberdade, são raros, pelo que os vaqueiros, na minha opinião injustamente, os chamam de *bois velhacos.*

Dar um campo é quasi que como dar uma batalha: os vaqueiros, dirigidos por um capataz, combinam previamente o plano geral do ataque, tomando posições, a regulares distancias uns dos outros e formando como que uma muralha animada em torno do gado.

Os cavallos das suas montadas, nobres e valentes animaes, sabendo o que significam aquellas disposições, manifestam por signaes inequivocos a sua impaciencia, sendo necessario aos cavalleiros contel-os pelas redeas, para que não arranquem antes [illegible].

Nesse momento, quem só vio o vaqueiro antes delle, não o reconhece mais! Cavalleiro e cavallo, como que identificados, formam um só todo, transmittindo um ao outro toda a formidavel energia, que uma herança ancestral de muitas gerações lhes tumultúa nas veias, porque os legtimos vaqueiros e os cavallos de campo, para serem bons, precisam descender de outros e ter nascido e se criado naquelle meio.

Os vaqueiros que nos acompanhavam eram de raça, todos oriundos do Piauhy e do Ceará, em cujas familias nunca se conheceu outra profissão. Da vestimenta de couro, que por lá usam para as entradas nas *caatingas,* adaptando-se ao novo meio que dispensa o peitoral, o gibão e as luvas, só conservam as perneiras e o chapéo desabado, de cópa baixa, terminando em ponta e preso ao queixo pelo barbicacho. Descalços, estão com os pés sufficientemente calcijados, para poderem supportar sobre a pelle núa o metal das esporas, de grandes rosetas, e segurarem-se nos estribos apenas com um dos lados destes mettido entre o dedo grande e o seu immediato.

Ao signal de arrancada, abalam a galope, no encalço do gado, um pouco inclinados para deante e proferindo gritos de uma gyria especial.

Todo o gado que está pelo caminho vae correndo na frente, engrossando sempre com as novas manadas que se vão juntando ás primeiras reunidas.

De repente, um novilho atrevido, negaceia e sae do bando, numa carreira douda pelo *lavrado.* O vaqueiro, que está mais perto, animando o cavallo com gritos, sae-lhe no rastro, com a respiração quasi suspensa pela carreira vertiginosa, procurando contornar a rez, para obrigal-a a voltar ao bando.

Nessa lucta, a victoria é de quem fôr mais veloz, pelo que só raras vezes é contraria ao vaqueiro. Succede, porém, que certos novilhos, mesmo contornados, não se dão por vencidos e investem contra o vaqueiro. Esse o momento do perigo.

Si o cavallo chegar a ser apanhado, a sua vida e a do cavalleiro ficarão por um fio. Ambos sabem disso e manobram de modo a evitar o choque. Insistindo a rez em não querer vol-

tar ao bando, chega então o momento em que ha necessidade de castigal-a. Na primeira opportunidade, durante a carreira, desde que o cavallo chega á distancia necessaria, o vaqueiro, debruçando-se sobre o pescoço deste, apanha o rabo da rez e com um movimento especial, derriba-a. Ou então, chega ao mesmo resultado, usando compridos laços, feitos de couro crú, entrançado, atirados de longe, com uma precisão tão admiravel que só por acaso erram o alvo.

Com a violencia da queda, a rez perde a energia para a lucta, renunciando-a, e volta ao bando.

Meu companheiro de viagem, sr. Manoel Marques, já acostumado a esse serviço, acompanhou os vaqueiros no *campo,* ajudando-os no que poude. Eu, porém, pouco confiante nas minhas qualidades de cavalleiro, cautelosamente, receioso de um accidente desagradavel, fui-me deixando ficar para traz, satisfazendo-me com velos trabalhar.

Mas, é ahi verifiquei quão poderosa é a lei da hereditariedade, não se é impunemente quatro vezes neto de fazendeiros, assistindo a um espectaculo desses no campo, mesmo que se tenha, como eu, sahido da fazenda na primeira infancia e sempre vivido nas cidades. Si nesse *campo* dado em *São Salvador* consegui conter-me, o mesmo não foi possivel acontecer em outro *campo* que assisti dar na fazenda nacional *São Marcos.*

Nesta, quando chegámos já estavam no *rodeio,* isto é, dentro de um vasto circulo formado por 16 vaqueiros, mais de 1.000 cabeças de gado vaccum de toda sorte.

O *campo* propriamente dito, para o ajuntamento do gado já estava feito, indo nós assistir apenas a separação de 60 bois, dentre os rodeados, que tinham sido vendidos, á escolha, pelo funccionario federal competente, á firma Marques, Paraguay & C.ª, e que o meu companheiro, sr. Marques, socio desta firma, queria trazer comsigo.

Os campos de *São Marcos,* segundo dizem, são os mais bellos do Rio Branco. Dos que eu vi, pelo menos, nenhum se lhes approxima, nem posso crer que, no genero, haja cousa mais empolgante!

Começam elles da orla da matta, a principio apresentando aqui e ali alguns pés de cajueiros bravos ou *caimbés,* altos e copados, debaixo de cuja fronde, num delles, tivemos de passar um *pé d'agua,* que nos alcançou em viagem. Transposto o ultimo *caimbé,* desdobra-se um *lavrado* de muitas leguas,

que a vista desarmada não alcança o fim, distinguindo-se no horizonte apenas o vulto pardacento da *Serra da Lua*. Os campos vão subindo em direcção a esta, num collossal plano inclinado, de rampa fraca, mas sufficientemente accentuada, para tornal-a bem distincta.

Quando desembocámos da matta, deante d'aquelle panorama soberbo, fizemos estacar os cavallos, para melhor vel-o e admiral-o.

O major Alipio Freitas, competente e zeloso administrador das Fazendas Nacionaes, que nos acompanhava, sempre alegre e palrador, informava-nos que *aquillo* ainda não era nada, pois havia em *São Marcos,* outros logares muito mais bellos, informação, aliás, em que nem o sr. Marques nem eu acreditámos, por nos parecer impossivel.

Depois de andarmos já algum tempo no *lavrado,* chamou-nos a attenção uma grande mancha escura que apparecia no meio delle. Era a grande boiada que estava á nossa espera no *rodeio*. A' proporção que nos approximavamos, iamos distinguido o movimento do gado e as figuras dos vaqueiros, em redor, contendo-o só pela presença.

A scena que se ia desenrolar prestava-se admiravelmente para um magnifico *film*.

Dos mil e tantos bois rodeados, deveriam ser apartados 60, á escolha do sr. Marques. Emquanto este o fazia, o major Alipio Freitas, o capataz e tres vaqueiros escolhidos, executavam a aparta, operação das mais penosas, porque se o gado, quando está no campo, não gosta de ser ajuntado, inversamente, depois de reunido, se se sente isolado, teima em voltar ao bando e então recomeçam as correrias e a lucta, tantas vezes repetidas, quantas são as rezes a apartar.

Como succedeu no campo dado em *São Salvador,* a principio, assisti áquelle espectaculo soberbo de força e agilidade, com emoção, mas com a calma bastante para conter-me.

A' proporção, porém, que as peripecias da aparta se iam desenvolvendo, foram-se despertando tambem em mim as tendencias adormecidas, herdadas dos meus avós, e insensivelmente, fui-me deixando arrastar por ellas e dahi a pouco estava tambem a dar galopes no campo, com risco de ser precipitado da sella.

Gastaram-se quasi 3 horas nesse serviço, e já pela *bocca da noute* regressámos á séde da fazenda, acompanhando a boiada escolhida, composta de bellissimos exemplares.

Em meio caminho, porque já estivesse escuro e ameaçasse cahir um temporal, o sr. Marques, o major Alipio e eu, tomámos a dianteira e num furioso galope, com o vento a fustigar-nos os rostos, demos por bem ganho o dia e por terminado o pittoresco passeio.

O GADO

População pecuaria do municipio de Bôa Vista em 1913.—Era a esse tempo o segundo do Norte e o vigesimo segundo de todo o Brasil.—Calculo aproximado da população actual. — Riqueza enorme, mas improductiva.—Só o Rio Branco pode abastecer todo o Amazonas de gado bovino.—Concurrencia victoriosa do baixo Amazonas.--Causa do absurdo economico.--Despezas com o transporte do gado para refazer-se no baixo Amazonas.—Paradoxo que encerra uma verdade.--Remedio facil só na appparencia.— Sem a solução do problema dos transportes nada se conseguirá de util.

O Municipio de Bôa Vista do Rio Branco, segundo a *Synopse do Censo Pecuario da Republica*, publicado pela Directoria do Serviço de Estatistica do Ministerio da Agricultura, accusava em 1912-1913 a seguinte população pecuaria:

Bovinos	200.000	cabeças
Equinos	6.800	"
Asininos e muares.....	190	"
Caprinos	600	"
Ovinos	1.700	"
Suinos	2.200	"

No que diz respeito, propriamente, á população do gado bovino, comparado o numero de cabeças existentes no Rio Branco, com a dos outros municipios da Republica, verifica-se que aquelle nosso municipio é o mais populoso de todo o Norte do Brasil, com a excepção unica do municipio bahiano da *Conquista*, que apresenta uma população de 270.000 cabeças.

Matto Grosso apresenta quatro municipios mais populosos; Minas Geraes, cinco; Santa Catharina, um e dez o Rio Grande do Sul. Dessa fórma, *Bôa Vista* é o vigesimo segundo municipio brasileiro em população de gado bovino.

Eis ahi uma conclusão que ha de surprehender quasi todos os que a lerem e entretanto absolutamente verdadeira.

Si se tomar para média annual de producção a base de 20 por cento, no triennio 1914-1916 o accrescimo deverá ter sido de mais de 120.000 cabeças. E como o Rio Branco exporta apenas 6.000 bois por anno e o abatimento para o seu proprio consumo (inclusive o estrago, que ali é grande) não póde ir além de 9.000 cabeças, teremos de chegar ainda á nova conclusão de que no anno corrente o municipio deve apresentar uma população bovina de 265.000 cabeças.

E' uma riqueza formidavel que ali está, quasi morta, mas prompta a tomar o surto que merece, quando se quizer explora-la com a orientação criteriosa, que a experiencia alheia offerece.

O Amazonas não tem necessidade de importar uma só cabeça de gado bovino, a não ser para reproductores.

Todo o consumo annual do Estado não deve ser maior de 25.000 cabeças (no interior a quantidade abatida é insignificante), mas que fosse de 30.000 e ainda assim não surgiria a necessidade.

O Rio Branco, se aquellas cifras dizem a verdade, deve estar com uma producção de 50.000 cabeças por anno, tomando por calculo aquella base de 20 por cento, que é a mais pessimista possivel, pois na fazendas onde chega a passar de 30 por cento, conforme informação que me prestou o capitão Adolpho Brasil, fazendeiro na região.

Reservando 50 por cento da producção para o accrescimo das fazendas (reproductores e gado femea), ficam disponiveis precisamente aquellas 25.000 cabeças necessarias ao consumo do Estado, além das que podessem fornecer os municipios amazonenses do baixo Amazonas.

Esse calculo se não é rigorosamente exacto, deve estar muito approximado, pelo que o raciocinio nada perde de sua força.

Que se observa, entretanto, na pratica actual?

Apenas isto:

Os municipios amazonenses do baixo Amazonas contam 22.000 cabeças de gado bovino e os paraenses 65.000, ao todo menos de 90.000 cabeças.

Pois bem, das 15.000 que se abatem annualmente em Manáos, apenas 6.000 são do Rio Branco e as 9.000 restantes, todas do baixo Amazonas; isto é, este com uma população tres vezes menor, exporta só para Manáos quasi tres vezes mais do que aquelle!

Junte-se a isto que o gado do baixo Amazonas tem menos peso e é mais caro do que o do Rio Branco e o absurdo economico ainda se torna mais pronunciado.

A causa principal desse phenomeno reside nas difficuldades de transporte.

O consumo mensal de Manáos é de 1.200 cabeças.

A exportação de gado do Rio Branco só se faz actualmente durante cinco mezes, de sorte que para o consumo nos outros sete mezes restantes, aquelle gado só poderia concorrer se fosse possivel tel-o perto de Manáos, em *stock*, refazendo-se n'alguma fazenda. Mas, para isso, seria necessario ao fazendeiro do Rio Branco dispender fortes sommas com o transporte de gado de lá para essa fazenda, custeio da estadia e transporte da fazenda para Manáos, o que pelas tabellas de fretes actuaes, impostos, percentagem de mortos e extraviados, juros do capital empatado, etc., pode-se calcular numa média de 100$000 por cabeça, sem falar nos riscos do negocio.

De todos os fazendeiros do Rio Branco só um, o sr. commendador Joaquim Gonçalves de Araujo, dispõe de elementos para tentar a aventura, aliás, já em começo de execução este anno, com o transporte de 2.000 bois para se refazerem no baixo Amazonas e serem abatidos em Manáos, na época em que o *Rio Branco* é obrigado a desertar o mercado.

E' claro, porém, que semelhante aventura não poderá jamais ser considerada como solução do problema, não só porque é de resultados mais do que aleiatorios, como porque a generalidade dos fazendeiros do Rio Branco não dispõe de recursos para executal-a.

E está assim paralysada toda aquella grande riqueza, emquanto não fôr resolvido o problema dos transportes continuados durante o anno inteiro.

Muito ha que fazer no Rio Branco, mas tudo será absotamente inutil, sem aquella solução prévia.

Que adiantará dispôr o fazendeiro de muito gado em magnificas condições, si não o póde vender e nem tem que fazer delle?

As fazendas precisam ser annualmente desbastadas de um certo numero de rezes, porque do contrario, de anno para anno, vão se enchendo de animaes imprestaveis, que só servem para estragar as producções futuras e occupar no campo um espaço, de que fica privado o gado aproveitavel.

Não é o numero de cabeças que dá o valor de uma fa-

zenda, succedendo muitas vezes a grande quantidade dellas ser causa da sua depreciação.

Imagine-se uma fazenda cheia de vaccas velhas e *chamurros* (assim se chamam os novilhos castrados fóra-de-tempo), aquellas a produzirem bezerros fracos e degenerados e os *chamurros* a tomarem conta de lotes de vaccas, impedindo que os novilhos se approximem destas. A que estiver em taes condições, e no Rio Branco são muitas, não pode ser considerada em bom estado.

A' primeira vista, parece que o mal é facilimo de remediar:—basta supprimir esse gado máo.

Mas supprimir como? Vendendo não, porque ninguem o quer, mesmo de graça. Matando? Tambem não, porque não se lhe aproveitando senão os couros, e pela sua quantidade, não se lhes podendo incinerar ou enterrar os corpos, a putrefacção destes impestaria os logares, com o sacrificio não só do gado restante, como até dos proprios moradores.

Si o excesso de população humana constitue um grave perigo para os paizes a elle sujeitos, muitas vezes maior constitue o excesso de população pecuaria para uma região.

Esse excesso já existe no Rio Branco e tende a augmentar de anno para anno, se lhe não vier um paradeiro, não pela falta de campos, que lá existem com capacidade para milhões de cabeças, mas pela enorme desproporção que se verifica entre o augmento da producção annual e as retiradas, ficando todos os annos um *superhavit* contra aquella de causar as mais serias apprehensões a quem tem ali interesses.

Foi pelo menos isso o que eu notei em todas as fazendas onde estive, inclusive a fazenda nacional *São Marcos*. Nesta, além daquelles motivos já apontados, não podendo o seu administrador vender um queijo sem autorisação directa do Ministro da Agricultura e este, tendo muito em que se occupar para perder o tempo com taes cousas, o resultado é que aquelle proprio nacional tambem está se enchendo de *chamurros* e vaccas velhas imprestaveis, apezar de não conter hoje seis mil cabeças de gado, o que é uma insignificancia para tão magnifica fazenda.

Ora, não se precisa ser autoridade na materia para tirar a conclusão de que tal estado de cousas não póde continuar, sob pena de termos de ver o Rio Branco tanto mais desvalorisado, quanto maior fôr a sua população pecuaria, por paradoxal que pareça a asserção.

O remedio unico para o mal está na immediata solução do problema dos transportes, que permitta ao fazendeiro retirar, annualmente, todo o gado que a bôa conservação das fazendas exige e cuja venda constitue justamente a sua principal renda.

Como as cousas estão agora, não sómente o fazendeiro deixa de apurar o bastante para o custeio da fazenda, ficando de anno para anno mais compromettido, como tambem vê a sua propriedade desvalorisada.

ORGANISAÇAO DO TRABALHO

Raça e origem do gado.—Atrazo dos fazendeiros nos processos de criação. — Degenerescencia progressiva do gado.—Necessidade da applicação de novos processos.—A selecção dentro da propria raça.— Cruzamento com outras raças.—As que melhor conviriam.—Braveza do gado.—Sem o gado manso não ha pecuaria.—Causas que são effeitos e vice-versa.— A causa primaria é sempre a falta de transportes.—Causas proximas: a propria natureza das terras e a má organização do trabalho.—Remuneração do vaqueiro por salario annual fixo.—Remuneração por partilhas.—Desvantagens no Rio Branco da agglomeração de muitas cabeças de gado numa só fazenda.

O gado bovino do Rio Branco é na sua generalidade da raça *barroso,* para lá conduzido ainda no tempo colonial.

Desde então tem se propagado sem o auxilio do mais insignificante processo de selecção artificial, inteiramente entregue a si mesmo, pelo que se apresenta hoje com pronunciados signaes de degenerescencia.

Não obstante isso, no seu meio, ainda se encontram alguns bellos exemplares e o gado é maior do que o do baixo Amazonas e do nordeste brasileiro, offerecendo, no matadoiro, um peso médio de 220 kilos.

O atrazo dos fazendeiros do Rio Branco, no que diz respeito ao conhecimento e applicação dos processos modernos de pecuaria, é completo.

Alguns levam essa ignorancia ao ponto de venderem os mais bellos animaes e deixarem para reproductores na fazenda exemplares defeituosos.

E os que assim não procedem, com algumas excepções, deixam os exemplares bons de mistura com os máos, quer no gado macho quer no femea, de sorte que a producção de anno para anno vae se atrophiando.

Entretanto, nada custaria em dinheiro e muito pouco em trabalho fazerem a selecção dentro da propria raça, só

deixando para reproducção animaes perfeitos, tanto de um como de outro sexo.

Com o gado macho chegar-se-ia a esse resultado, facilmente, pela castração dos bezerros que se verificassem inaptos. Com o gado femea, evitando que as vaccas defeituosas entrassem nas vaqueijadas ou dormissem nos curraes, que é quando, geralmente, tomam bezerro.

Custaria pouco tambem permutarem os fazendeiros uns com os outros, novilhos das suas respectivas fazendas, para que o parentesco do gado não se restringisse a circulos muito apertados.

A adopção de tão simples processo teria, pelo menos, conservado a pureza primitiva da raça, senão a aperfeiçoasse ainda mais.

Custaria pouco tambem permutarem os fazendeiros, uns Geraes e São Paulo conseguiram fixar o typo da raça *Caracú* genuinamente brasileira, e que tão retumbantes successos tem alcançado ultimamente, levantando os primeiros premios nas exposições pecuarias a que tem concorrido, com exemplares cujo peso excede muito de uma tonelada, chegando um a attingir, se me não falha a memoria, o estupendo peso de 1.500 kilos!

A selecção dentro da propria raça é um processo simples, que tanto está ao alcance do fazendeiro abastado como do pobre e por isso é sempre o mais aconselhavel, principalmente tratando-se, como é o caso do Rio Branco, de um gado de raça apenas atrophiado pelo abandono em que tem vivido e se multiplicado.

Isso, porém, não quer dizer que o cruzamento da raça local com outras deva ser abandonado. Muito ao contrario, é vantajoso fazel-o, tambem, concomitantemente com aquelle processo de selecção, escolhendo-se, é claro, para o cruzamento, raças superiores.

No Rio Branco, dada a natureza do clima e do pasto, as raças estrangeiras, cujo *habitat* fica situado em terras frias ou mesmo temperadas, não devem ser aconselhaveis.

Uma tentativa feita pelo sr. commendador Joaquim Gonçalves de Araujo, mandando buscar para as suas fazendas do Rio Branco dous reproductores *hereford*, do alto custo de 5:000$000 com as despezas de viagem, deu pessimo resultado, pois um delles morreu no mesmo dia em que chegou á Bôa Vista e o outro alguns dias depois, deixando apenas duas

vaccas cobertas. E, circumstancia curiosissima, que me foi narrada pelo capitão Adolpho Brasil, os poucos descendentes que delle ficaram não chegaram sequer a tornar-se novilhos, pela preferencia verdadeiramente extraordinaria que lhes deram as onças, vindo matal-os no curral, de noite, no meio de centenas de bezerros da raça local.

Penso que o melhor cruzamento que se póde desejar para o Rio Branco será o que fôr obtido com reproductores *caracús*, pois sendo de uma raça crioula, melhor se accommodarão ao clima e aos pastos de lá.

Vae ser feita agora a primeira experiencia, tendo o sr. commendador Joaquim Gonçalves de Araujo encommendado doze novilhos, para as suas fazendas, por intermedio da Sociedade Nacional de Agricultura.

O *zebú* já se sabe dar bons resultados, havendo por lá alguns exemplares dessa raça, sem que os seus proprietarios, segundo fui informado por elles proprios, lhes tivessem notado os defeitos, que tanto têm malsinado a raça no sul do nosso paiz, aliás, por lá mesmo, já formalmente contestados.

A raça *turina*, leiteira por excellencia, tem o gravissimo defeito de ser sujeita a uma especie de pyra, que a torna pouco recommendavel, apezar de adaptar-se tambem, com relativa facilidade ao nosso meio, o que não succede ás demais estrangeiras.

O *zebú* e sobretudo o *caracú* devem, pois, ser os preferidos pelos fazendeiros do Rio Branco todas as vezes que desejarem melhorar o seu gado, pelo cruzamento fóra da propria raça.

Quem visita as fazendas do Rio Branco observa desde logo que o gado é bravo e dá pouco leite, dois defeitos graves, sendo aquelle uma das causas deste.

A pecuaria não admitte que uma fazenda possa prosperar sem que o gado seja manso, porque é dessa circumstancia que decorre em grande parte o successo da industria.

No nordeste brasileiro o systema de criar ainda está atrazadissimo, mas não nesse ponto. Salvo fazendas de *caatinga*, onde esta torna possivel o apparecimento de um ou outro boi bravo, em geral o vaqueiro conhece uma por uma todas as rezes, da fazenda, descrevendo-se minuciosamente e até lhes dando nomes. Por isso o commercio de gado no Nordeste, apezar de todas as difficuldades com que lucta o criador, ainda

permitte bons negocios, apontando-se muitas fortunas feitas com elle.

No Rio Branco não se aponta uma só; bem ao contrario disso podem se mostrar algumas ali empatadas, vindas de fóra, e que em vez de fonte de lucros o são de prejuizos.

Como em todos os problemas dessa natureza ha causas que são por sua vez effeitos e vice versa, é bem possivel que o pouco tratamento ou *custeio* que se nota no gado do Rio Branco já seja um effeito, talvez forçado, da quasi certeza que o fazendeiro tem de não alcançar na venda do seu gado lucros que compensem as despezas necessarias, para um tratamento como é preciso, porque se é um erro não fazel-o, tolice será leval-o avante para perder dinheiro.

E como a causa primaria dessa situação é indubitavelmente a falta de transportes continuados, durante o anno inteiro, por ahi é que tem de começar, quem quizer fazer cousa estavel naquella região.

Essa a causa primaria e remota de todos os males; as proximas, da braveza do gado, são muitas, algumas oriundas da propria natureza dos terrenos, onde estão situadas as fazendas e outras da má organização do trabalho.

A região criadora do Rio Branco occupa uma area immensa, de alguns milhares de kilometros quadrados, na sua maior parte cheia de campos extensissimos, mas tambem atravessada por grandes cursos d'agua, em cujas margens vicejam densas florestas e cheia de serras, de accesso difficil, tambem cobertas de grandes mattas.

E' nessa immensidade que vivem pouco menos de 300.000 cabeças de gado, divididas em fazendas, cada uma dellas com terras superiores, em superficie, a alguns Estados soberanos da Europa. Dar a esse gado o *custeio* que seria de desejar, em taes condições, é tarefa que exige um grande pessoal e despezas, que os lucros da fazenda não permittem.

Essa difficuldade natural, porém, sendo poderosissima, ainda assim é agravada pela má organização do trabalho. Si este fôsse mais bem orientado, ainda que se não chegasse ao necessario, poder-se-ia, entretanto, obter alguma cousa mais do que se alcança hoje.

O trabalho de um homem no Rio Branco representa muito menos do que é licito esperar, tanto pela quantidade, como pela qualidade delle.

O vaqueiro não vae ao campo as vezes que poderia fa-

zel-o e quando vae não aproveita o tempo com o que seria mais necessario. Assim, por exemplo, se avista um veado, animal abundantissimo na região, não se póde furtar ao *sport* de correr atraz delle, abandonando as occupações do campo e perdendo o dia.

Esse descaso tem sua origem em grande parte no systema de remuneração ali adoptado:—O vaqueiro é um assalariado como outro qualquer, percebendo vencimentos fixos, qualquer que seja o resultado que deixe a fazenda, o que o torna quasi indifferente á sorte dos bezerrinhos nascidos no campo.

No Nordeste o vaqueiro é um associado do fazendeiro, sendo o seu trabalho retribuido com a producção da fazenda, geralmente uma quarta parte della, feitas as partilhas annualmente em época propria. Quanto maior a producção, maiores tambem os seus lucros, pelo que, no proprio interesse, elle zela a fazenda como se fôra cousa sua.

Trocando impressões a respeito com alguns fazendeiros do Rio Branco, informaram-me que lá o systema das partilhas tem sempre dado os peiores resultados para o dono da fazenda, verificando-se que depois de alguns annos o vaqueiro tem mais gado do que aquelle.

Se assim tem acontecido, a culpa não pode caber ao systema, pois um quarto jamais poderá ser maior do que tres quartos, mas com certeza ao modo defeituoso com que são feitas as partilhas, provavelmente sem a fiscalização necessaria para evitar a fraude do vaqueiro.

Para mim, outro grave defeito da organização do trabalho está na grande quantidade de gado existente em uma só fazenda, havendo algumas que contam mais de dez mil cabeças.

Isso que no Sul constitue uma vantagem, porque torna a administração mais barata, no Rio Branco, da mesma fórma que no Nordeste brasileiro, é um mal.

Sendo todo o pasto de capim agreste, um pouco mais macio apenas em certos logares, cada fazenda para supportar aquelle numero de rezes, necessita de uma área enorme, ondo o gado se espalha e é difficilimo tratal-o, havendo milhares de rezes que nunca entraram nos curraes!

Mesmo que a fazenda disponha de muita gente, o costeio do gado será sempre defeituoso e deficiente, porque o trabalho se torna dispersivo.

Estou convencido que no Rio Branco, a exemplo do que se dá no Piauhy e no Ceará, uma fazenda não deve conter mais de duas mil cabeças, situando-se novas logo que attinja aquelle numero. E a prova de que esse é o melhor systema está em que os pequenos fazendeiros vivem, relativamente, melhor do que os grandes.

II

Muito gado e pouco leite.—Remedio facil já applicado na fazenda São Marcos.—Um proprio nacional hoje bem administrado, cousa que sempre pareceu impossivel.—O que resta das fazendas nacionaes.—Magreza do gado do Rio Branco.—A industria do charque, por emquanto, não é possivel.—O pasto.— Inconvenientes que decorrem do costume que ha em queimal-o annualmente. — Meios faceis de melhoral-o.—O gado caralar.—Os cavallos do Rio Branco não parecem muito resistentes.—Tambem não são "marchadores". —O gado asinino.—Sua escassez e possibilidade de grande augmento.— Os suinos, caprinos e ovinos

Consequencia da sua braveza, muito pouco leiteiro é o gado do Rio Branco. Para a população existente, superior a 250.000 cabeças, já poderia existir na região uma industria de lacticinios muito regular. Entretanto, por mais assombroso que isso pareça, a manteiga que lá se come é importada!

Queijos vi eu alguns de fabricação local, aliás bem feitos e saborosos, mas em tão reduzida quantidade que não deu para que eu encontrasse ao menos um exposto á venda.

Nas fazendas, em regra, só se tira o leite exclusivamente necessario para o seu proprio consumo, perdendo-se por essa fórma uma das grandes fontes de lucros da industria pastoril.

Si houvesse no Rio Branco uma industria de lacticinios, incipiente que fôsse, era occasião agora de tomar um grande incremento, com a extraordinaria alta que o preço da manteiga está soffrendo todos os dias, em consequencia da guerra, a ponto de já se estar vendendo em Manáos manteiga de Minas á razão de mais de 4$500 o kilo.

Dizem os de lá, que não vale a pena tentar-se qualquer cousa nesse sentido, porque as vaccas paridas, tirando o leite necessario á amamentação das crias, não chegam a dar dous litros diarios, havendo algumas de que não seria possivel obter um sequer.

O facto póde e deve ser verdadeiro, mas isso não quer dizer que para elle não haja remedio.

O principio biologico de que a funcção faz o orgam em nenhum facto da vida animal é tão verdadeiro como no aleitamento, sendo corriqueiro fazer-se voltar o leite a seios já quasi seccos, pelo exercicio continuo da sucção.

Bem *trainadas,* essas vaccas do Rio Branco, que actualmente não chegam a produzir diariamente dous litros de leite, iriam augmentando aos poucos a sua producção, até chegarem a um limite que permitisse a exploração industrial.

Tanto isso é possivel que na fazenda nacional *São Marcos,* onde o seu competente administrador major Alipio Freitas pratica esse processo, a producção do leite vae augmentando dia a dia, havendo leite e coalhada em abundancia para o gasto do pessoal e ainda sobrando muito para ser transformado em manteiga e queijo.

Por mais extraordinaria que pareça, no nosso paiz, a informação que vou dar, a verdade é que das fazendas que visitei no Rio Branco, aquella onde encontrei o trabalho mais bem organizado foi justamente a de *São Marcos.*

Num paiz em que já passa como verdadeira a exquisita doutrina de que fraudar a fazenda publica é um facto muito natural, tanto que os desfalques se succedem num crescendo assustador, quasi sem repressão, naturalissimo é que os encarregados de zelar os proprios nacionaes não se dêem tratos por isso e deixem tudo correr á revelia, julgando que já fazem muito e dão provas de uma honestidade rigorosa não se arvorando em socios da nação.

E se se trata de bem nacional situado numa região, como a do Rio Branco, onde os proprios particulares cuidam pouco dos seus haveres, então o facto toma proporções de um verdadeiro acontecimento, cuja divulgação tenho muito gosto em fazer, num preito de justiça a quem tanto faz por merecel-o.

Não é que a fazenda *São Marcos* seja um modelo de organização, estando ainda muito longe disso, mas incontestavelte, pelo menos das fazendas que eu visitei, é onde se encontra qualquer cousa organizada, revelando um trabalho consciente e proveitoso.

As fazendas nacionaes, de tres que eram, *São Marcos, São Bento* e *São José,* occupando áreas immensas e contando mais de 20.000 cabeças de gado, estão hoje reduzidas á primeira, pois *São Bento* e *São José,* na posse de particulares ha muitos annos já cahiram em usucapião a favor dos pos-

seiros, havendo nesse sentido julgados do Supremo Tribunal Federal.

O systema de exploração por arrendamento deu máo resultado contra a fazenda nacional, mas a administração diracta ainda deu muito peior, até o penultimo administrador.

Ao tomar conta de *São Marcos*, em Fevereiro de 1915, o major Alipio Freitas só recebeu 3.800 cabeças, tudo o que restava daquelle rico patrimonio! Bemfeitorias quasi que não existiam, estando a casa e os curraes em ruinas e havendo apenas vestigios de cercado!

O major Alipio restaurou o que poude e está construindo o cercado, indispensavel em toda a fazenda. Com a producção nova, o numero de cabeças já vae além de 6.000, estando o gado sufficientemente trabalhado, para permittir, em poucas horas, rodear mais de 1.000 cabeças, como já tive occasião de narrar.

Outra observação que o gado do Rio Branco desperta logo em quem o vê, é a sua relativa magreza.

E' bem verdade que lá estive em pleno inverno, quando o gado está um tanto descahido, mas, segundo as informações que colhi dos proprios fazendeiros, aquelle é o estado normal, não sendo commum encontrarem-se boiadas muito gordas, como succede no baixo Amazonas e no Nordeste na época propria.

Esse inconveniente tem feito com que algumas tentativas levadas a effeito para charquear carne não tenham sido coroadas de grandes resultados.

O charque, para ser bom, precisa que o gado abatido seja o mais gordo possivel, porque, do contrario, a carne secca toma um aspecto pouco appetecivel, que a reduz a preço infimo, quando exposta á venda.

A responsabilidade dessa magreza cabe em primeiro logar ao pasto, todo elle agreste, sendo cousa sabida que o gado de *agreste* nunca apresenta a gordura do criado em fazendas de *mimoso*. Os campos do Rio Branco são tudo quanto pode haver de mais bello, mas para não serem perfeitos, o pasto que offerecem é inferior.

Nas vargens e em alguns outros logares privilegiados, por ser mais tenro, é onde melhor se cria o gado, sendo d'ahi as rezes mais gordas. Na grande generalidade, porém, é aspero, apresentando-se em pequenas moitas isoladas, n'um chão duro, o que só se póde observar de perto, parecendo não

apresentar solução de continuidade, numa cincoentena de metros de distancia.

Costumam alguns fazendeiros, todos os annos, queimar os pastos, para que elles brotem mais tenros, mas o costume não é aconselhavel, porque se na occasião o capim nasce realmente mais tenro, de anno para anno vae ficando mais aspero e raro, isto porque os intervallos entre as moitas augmentam.

Além disso, o gado, quando vê fumaça, na esperança de melhor pasto vae atraz della e como as fazendas não têm limites que impeçam a passagem de uma para as outras, desloca-se para grandes distancias, obrigando depois a porfioso trabalho para ser recolhido.

Esse inconveniente da má qualidade do pasto pareceu-me ser facil de remover, substituindo o capim agreste que lá existe por outros de melhor qualidade, como sejam o *jaraguá*, o *gordura*, o *gramma*, o *colonia*, o *milhã*, *etc.*, preferindo-se o que melhor se adaptar ao meio.

Eu, quando tive a honra de representar o Amazonas na Camara Federal, obtive do Ministerio da Agricultura a remessa de diversos saccos de sementes de algumas daquellas especies, e as que foram plantadas deram admiravelmente, e ainda lá estão em bellos nucleos, apezar de entregues a si proprias, depois de espalhadas.

Como é facilimo empregar nos campos um tractor mechanico de revolver terras por ser dispensado qualquer trabalho previo de derribar arvores e arrancar tocos, em pouco tempo poder-se-ia mudar o pasto em grandes extensões, sendo preciso apenas cercal-as, para evitar que o gado estrague o capim novo, deslocando-se as cercas para outros logares, á proporção que o capim fique em condições de dispensar o amparo das mesmas cercas.

Como um tractor mechanico custa muito caro, seria justo que o governo federal o adquirisse, correndo por conta dos particulares apenas as despezas com o seu funccionamento.

O gado cavallar do Rio Branco deve orçar actualmente em mais de dez mil cabeças, não sendo ainda bastante para attender a todas as necessidades locaes, tanto assim que são importados cavallos para uma ou outra fazenda.

A grande maioria dos animaes existentes é originaria dos exemplares importados para as Fazendas Nacionaes, desde o tempo de sua fundação pelos primeiros donos. E como

esses exemplares eram de raça, os fazendeiros do Rio Branco gostam de dizer que os seus cavallos são *raceados.*

Vi por lá cavallos de toda sorte, grandes e pequenos, alguns mesmo de bellissimo aspecto, mas não me pareceu que fossem resistentes para o trabalho, sendo tambem essa impressão a que recebeu o sr. Marques, bom conhecedor da materia.

Em viagem só querem andar a passo, sendo necessario o uso constante da espora ou do rebenque, para resolvel-os a tomar outra andadura.

Quer na viagem de *Santa Maria* a *São Salvador,* quer na campeada de *São Marcos,* assistimos a cavallos cançarem, sendo que naquella, por tal fórma, que o vaqueiro teve que apeiar-se e conduzir o cavallo pelas redeas. Entretanto, a viagem não fôra longa, 5 leguas no maximo entre a ida e a volta.

Quando se sabe que no Nordeste ha pungas que fazem 20 leguas e até mais num só dia, não se póde ficar fazendo juizo muito favoravel da resistencia dos cavallos do Rio Branco.

Isso não quer dizer que não haja por lá cavallos de primeira ordem, pois creio que os ha, e eu mesmo vi alguns que assim me pareceram, entre elles o da montada do major Alipio Freitas, muito veloz de carreira e tendo supportado bem toda a campeada, sem mostras de fadiga. Nos prados do Norte do Brasil já têm corrido cavallos do Rio Branco que fizeram temporada, bastando lembrar entre elles o celebre *Macuxy,* de propriedade do sr. coronel Bento Brasil, que chegou a bater animaes de raça.

Mas esses não devem ser muitos, ficando a grande maioria sujeita áquella apreciação.

Outra caracteristica dos cavallos do Rio Branco é serem renitentes a aprender a *marchar,* só tendo eu visto um que fez excepção a essa regra.

Os asininos são raros e os poucos que se vêm são importados, o que chega a ser inacreditavel, attendendo-se ao preço elevadissimo que costumam alcançar no Amazonas animaes dessa especie.

Alguns jumentos pastores bastariam para dentro de pouco tempo dotar o Rio Branco dos muares de que por lá ha tanta falta, parecendo impossivel que até hoje ainda não

se tenham lembrado disso os fazendeiros, que dispõem de numerosa cavalhada.

Os suinos, caprinos e ovinos tambem existem em pequena quantidade, apezar de se criarem por lá perfeitamente, conforme tive occasião de verificar, em bellissimos exemplares de qualquer dessas especies e notadamente da primeira, na fazenda do sr. major Luiz Quadros.

Os porcos criam-se admiravelmente, engordando muito quando os *miritysaes* estão com fructos, de que fazem a sua alimentação principal.

E como o mirityseiro é, talvez, a arvore mais abundante do Rio Branco, a criação de suinos, pela sua facilidade, deve ser uma das mais aconselhaveis e lucrativas.

HORISONTES NOVOS

Possibilidade de desenvolvimento agricola. — Falta de iniciativa dos moradores da região. — Nem fructas nem cercaes. — Dialogo eloquente.— Vida facil e indolencia.—Abundancia de arvores da copahyba.—Bôas para lenha...—Sempre a mesma desculpa.—Os garçaes.—Fertilidade da terra. Lavouras que dariam magnificos resultados.—Facil emprego de instrumentos agricolas.—Falta de agua no verão e meios de removel-a.— Brilhante futuro reservado ao Rio Branco.—Synthese final.

O Rio Branco não é uma região privilegiada sómente para a industria pecuaria. Tambem o é, e, talvez em escala mais elevada, para essa outra industria, que com aquella, constitue a base fundamental de toda a riqueza — a agricultura.

Excepto uma pequena lavoura de fumo, já menos importante do que o foi em tempos atraz, não se sabe no Rio Branco o que seja agricultura. E por essa falta não se podem queixar os de lá senão de si proprios, que nesse assumpto, mais do que em qualquer outro, têm se revelado de uma falta de iniciativa de causar revolta!

Para que se faça uma idéa dessa incuria, basta que eu diga que não vi no alto Rio Branco um unico pé de bananeira! Se os ha, não chegaram para os meus olhos, o que sempre é uma prova da sua raridade.

Se isso succede com a bananeira, a mais abundante das nossas arvores fructiferas, que não succederá com as outras? Na fazenda *Alagadiço* encontrei dez frondosissimas mangueiras, plantadas ha muitos annos, dous limoeiros no *Veado,* um pequeno pomar ao lado da casa de residencia da fazenda do major Luiz Quadros e muitas cajaseiras, mas estas... nas margens dos rios, em estado silvestre.

Lavoura, propriamente, consistiu tudo o que eu vi em uma roça de canna, plantada pelo coronel Raul Pereira da Silva, na fazenda *Santa Maria,* e uma outra de milho na fa-

zenda *Flechal,* sendo que esta com a circumstancia interessantissima de que estava dentro do curral!

Ouvi dizer que os padres benedictinos da Prelazia do Rio Branco manteem no logar denominado *São Bonifacio,* na bocca do *Cauamé,* uma lavoura bastante desenvolvida, mas, infelizmente, tendo eu passado por lá, quer na ida, quer na volta, de noite, não me foi possivel vel-a, dizendo-me todos que está muito bem tractada e bonita.

Porque esse abandono da lavoura?

Vem a proposito narrar o episodio occorrido entre o engenheiro dr. Almeida Braga e um caboclo do Rio Branco, pois elle por si é mais eloquente do que quaesquer palavras.

Admirado da escassez de fructas, legumes e cereaes que ha no Rio Branco, aquelle engenheiro travou com o caboclo, o seguinte dialogo:

—Diga-me cá, meu amigo, aqui no Rio Branco não dá nem milho, nem feijão, nem fructa?

—Não senhor, *não dá.*

—Então vocês plantaram e nada deu?

—Ah! *se plantando dá...*

As duas respostas do cabolclo descrevem a fertilidade da terra e fazem a psychologia dos seus habitantes. Estes só consideram que a terra dá o que nasce expontaneamente, tomando assim o verbo no seu rigoroso sentido grammatical.

Logar de vida facilima para qualquer pessôa, onde ninguem sabe o que é soffrer fome, porque o que possue algum gado come o que é seu e o que não possue come o que é dos outros, sem haver repressão possivel para taes abusos, no Rio Branco, poucos, muito poucos, pensam em ser agricultores.

Havendo peixe em abundancia nos rios e toda a especie de caça nos campos e no matto, sempre á disposição, para que perder tempo com cousas que pedem trabalho previo e exigem, para a colheita, uma espera mais ou menos longa?

O habitante do Rio Branco, naturalmente com muitas excepções, em via de regra, tem muito pouca iniciativa e não gosta de movimentar-se, podendo ficar parado.

Mesmo tratando-se de riquezas naturaes, ao alcance da mão, nem por isso lhes merecem o pequeno esforço da exploração.

Uma das arvores mais abundantes da região é a copa-

hybeira, ali representada por bellissimos exemplares, que se succedem uns aos outros nas margens de todos os rios por mim visitados. Ali jáz essa riqueza sem que ninguem se lembre de exploral-a, apezar da facilidade com que o poderiam fazer. As arvores da copahyba só são lembradas para a lenha, por ser um páo facil de rachar e bom para o fogo!

Disseram-me os de lá que no Rio Branco as copahybeiras dão tão pouco oleo, que não vale a pena perder-se o tempo com ellas. E' sempre a mesma desculpa, que a força de ser invocada para justificar tudo quanto não se faz e que poderia ser feito, já é ouvida com um sorriso pelo curioso importuno.

Outro negocio que poderia dar grandes resultados é o das pennas de garças, talvez a mercadoria mais reputada de todas as que exportamos.

As garças vivem aos milhares em todo o alto Rio Branco, escolhendo certos lagos e baixos para se reunirem em determinadas épocas. Nesses *garçaes* um homem diligente póde colher pennas que representem o valor de pequenas fortunas.

As garças do Rio Branco são lindas e riquissimas em pennas com que se preparam as *aigrettes*.

Só num exemplar morto pelo sr. Marques na viagem de *Caracarahy* para *Bôa Vista*, foram retirados 49 fios, todos perfeitos, formando por si sós, um lindissimo enfeite para cabello ou chapéo.

Nos garçaes é possivel colher as pennas, sem haver necessidade de matar as garças, pois aquellas, quando maduras, desprendem-se por si e ficam espalhadas pelo chão, onde podem ser apanhadas com a maior facilidade, e esse é o processo preferivel, porque conserva a riqueza e os lindos animaesinhos ficam com vida. Infelizmente, como as pennas apanhadas no chão perdem um pouco do seu valor, por ficarem sujas, os raros que se dedicam a esse commercio, preferem matar as garças a tiros de espingarda.

Como essas aves são facilmente domesticaveis seria mesmo facil conseguir-se um *garçal* artificial, a exemplo do que se fazem em certos paizes com outras aves e assim a sua exploração daria ainda maiores resultados.

Ninguem se lembra disso, entretanto, não sahindo da criação do gado, que é a que dá menos trabalho e a que está

mais ao alcance da mão, quando se tem de indagar qual o almoço do dia.

Em taes condições, não admira que a agricultura, que exige trabalho prévio e espera do resultado, esteja tão abandonada no Rio Branco.

A terra é fertilissima e muito facil de ser trabalhada.

O feijão, o milho, a mandioca, a canna, dão ali admiravelmente, pelo que não haveria necessidade de importar como hoje se faz, aquelles cereaes, o assucar e até mesmo a farinha!

O fumo do Rio Branco é de primeira qualidade, já tendo essa lavoura sido florescente em tempos atraz.

Para a lavoura algodoeira não ha terras mais apropriadas em todo o Brasil. Dados os altissimos preços que está obtendo o algodão e continuará a obter ainda por muitos annos, em consequencia da guerra, e a facilidade pasmosa com que nasce e se desenvolve o algodoeiro no Rio Branco, conhecendo-se exemplares com mais de 14 annos de edade, a lavoura do algodão é a que offerece a certeza de resultados mais seguros e por isso deve ser a preferivel.

E' certo que, sem transportes faceis, seria absurdo cogitar-se de fazer agricultura em grande escala no Rio Branco. Mas a que fosse sendo começada desde agora, para attender as necessidades locaes, facilitaria a sua intensificação, quando, em um futuro que deve estar muito proximo, aquelles transportes estiverem assegurados.

Nenhum logar existe mais apropriado do que o Rio Branco para a vantajosa applicação dos mais modernos instrumentos agricolas, e com especialidade o tractor mechanico, na região dos campos.

Si estes não são tão ferteis, exigindo para certas culturas o emprego de adubos artificiaes, em compensação dispensam quaesquer trabalhos preparatorios, de derribada de matto e arrancamento de tocos, que requerem tempo e grandes despezas.

De verão, as grandes plantações que se fizerem hão de resentir-se de falta d'agua, mas para esse tempo, o agricultor previdente terá meios artificiaes de irrigal-as, por meio de pequenos açudes, poços artesianos, cacimbas, etc., fazendo-se o serviço de destribuição da agua com o emprego de cataventos, pelo aproveitamento dos ventos geraes que alli não deixam de atravessar toda a região.

Nesse dia, com uma industria pecuaria feita e explorada, segundo os melhores ensinamentos da zootechnica, e

uma agricultura intensiva e bem orientada, o Rio Branco passará a ser o mais rico pedaço do Amazonas e um dos mais ricos de todo o Brasil, riqueza, não ficticia e instavel como essa que sempre dá a industria meramente extractiva, mas solidamente representada nas duas industrias fundamentaes, sobre as quaes todas as demais incidem, e que são sempre valorisadas.

A essa privilegiada região amazonense está reservado o mais brilhante futuro. Póde custar um pouco, pela demora de iniciativa que tem sido sempre a principal caracteristica da administração brasileira, mas terá de chegar fatalmente, senão por impulso nosso, por impulso estranho, venha de onde vier, provavelmente da Guyana Ingleza.

A' semelhança do que succedeu com a região de campos da Republica Argentina, quando fôr chegado o momento, far-se-á em meia duzia de annos um caminho tão rapido para a valorisação das terras, que pequenos proprietarios de hoje, ver-se-ão quasi que repentinamente portadores de grandes fortunas.

Tenho fé que essa transformação não levará muito tempo, pelo que espero assistil-a ainda, para ver se tive razão nas observações que venho de fazer e que se podem resumir na formula: transportes faceis, selecção, mudança de pasto e melhor organisação do trabalho.

Quando a primeira dessas necessidades estiver resolvida, as outras virão naturalmente, pelo que é por ella que se deve começar e isso immediatamente, sem quaesquer delongas.

E' um verdadeiro crime deixar-se que uma região privilegiada como o alto Rio Branco continue sem transporte para Manáos durante mais de metade de cada anno. O thesouro que o Brasil tem ali em estado jacente é tão grande que todos os sacrificios que se fizerem para o seu aproveitamento nunca serão de mais.

Attendendo a que se trata de uma região fronteiriça, o inadiavel melhoramento deveria ser realizado pelo governo central, tanto mais quanto este tem dispendido centenas de milhares de contos de réis com a construcção, em outros Estados, principalmente do Sul, de vias de transportes menos importantes do que a pedida para o Rio Branco, muitas vezes para attender a interesses puramente municipaes.

Si, porém, o governo central não quizer, como lhe cumpre, tomar a iniciativa do melhoramento, o Amazonas deve

fazel-o aproveitando o auxilio federal que lhe está sendo offerecido, contanto que veja realizada em breve, a mais antiga, a maior e a mais justa das suas aspirações!

Manáos, Agosto de 1917.

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM